

# **Almas tontas**

**Durval Augusto Jr.**

Augusto Jr., Durval

A923a Almas Tontas/ Durval Augusto  
Jr. – Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2006.  
144 p.

ISBN 85-7637-089-7

1.Romance Brasileiro. I. Título

CDU 82-31(81)

2006

DURVAL AUGUSTO JR.

---

EDITOR

André Carvalho

CAPA

Ricardo Sá

DIAGRAMAÇÃO

Costa Carvalho

REVISÃO

Marcio Rubens Prado

---

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução,  
no todo ou em parte, por quaisquer meios.

## Capítulo I

O chato do Figueira, o “Penacho”, sujeitinho metido a besta, acabara de ser nomeado o novo diretor da sucursal, substituindo o Ribeiro – esse, um safado que tinha aprontado uma porrada de falcatruas e empapuçado a sua conta bancária. Mas o Afonso não tinha gostado nada da troca. Porra, agora todo mundo ia ter que cortar um dobrado ali na empresa. O Figueira era um déspota, parecia um general. Engraçado era aquela voz fina, aquele peito estufado e aquele topete esquisito, com uma mecha arrebitada no alto da cabeça, aquela mania de se empertigar todo, quase ficar na ponta dos pés, na hora de encarar um subordinado com seus olhinhos esfogueados atrás dos óculos, firmando a voz, tentando engrossá-la, passando os seus pitos, geralmente no meio do corredor, para que todos soubessem do seu poder. Tipinho ridículo! Agora, como diretor, ia ficar insuportável. Ainda bem que ele, Afonso, trabalhava numa seção que mantinha pouco contato com o diretor. O antigo, o Ribeiro, era safado, mas pelo menos não enchia o saco, não pegava no pé de ninguém.

Os caras não quiseram passar no *Uísque Zito*, os sacanas! Logo hoje que ele estava a fim de encarar uma loura gelada, molhar a palavra. E sexta-feira é dia de boteco, porra, todo mundo sabe disso. O jeito era ir pra casa, enfrentar aquela sem-graceza de atravessar a cidade abarrotada de carros e gente, naquela secura toda, doidinho pra tomar uma Brahma. Mas era até bom, pois chegava em casa mais cedo, fazia uma média com a Creusa, dava umazinha... E o melhor de tudo era que no dia seguinte ela amanhecia alegrezinha, arrumava a mesa do café, vinha acordá-lo às nove toda arrumadinha, perfumada, saltitante. E o sábado ia ser uma festa só... Ih! Ele tinha esquecido! Ainda bem que não saíra com os colegas: tinha mesmo que ir pra casa mais cedo, ficar o máximo de tempo com a mulher, porque tinha prometido à “outra” que no sábado à tarde ou à noite passava lá. Era um caso enrolado que ele tinha em Lagoa Santa, com a Teresa, uma morenaça que era prima da Clemilda do Arquivo, e que ele tinha conhecido na festinha de fim de ano da empresa. O pior era que, de uma simples paquera, vieram outros encontros e, pra resumir, um bitelo de um moleque de quase quatro quilos, que se chamava Filipe e que agora já estava com mais de seis meses de idade. “Que fria, cara!”, ele dizia com frequência, falando com seus botões, pois ainda não contara aquilo para nenhum dos seus amigos. A Clemilda sabia, pois não se desgrudava da prima; mas se ela abrisse o bico, não só perdia a confiança da Teresa como ficaria em maus lençóis, pois o Afonso sabia que ela

tinha um caso com o Edmilson, gerente comercial, com o qual costumava se encontrar no motel, em pleno expediente, um saindo 10 minutos depois do outro. A idiota foi contar isso no aniversário da mãe da Teresa, naquele churrasco que fizeram na casa dela, no final de outubro! Agora, ela que piasse pra ver só! Já estava avisada. Mulher, dizia ele consigo mesmo, não aguenta guardar segredo.

Agora, o chato era ter que baixar lá em Lagoa Santa, num sábado, arriscando-se cada vez mais a perder a confiança da Creusa. Mas a Teresa tinha falado que era porque seu Tônico, tio dela, tinha vindo de Paraopeba e ela estava pensando em convidá-lo para padrinho do Filipe. O menino precisava ser batizado logo, já tinha seis meses, e dona Isaurinha, a tia-avó, não parava de encher a cabeça da Creusa, dizendo que era preciso resolver isso logo, e tal e coisa...

Foi bom mesmo não ter passado com os caras no *Uísque Zito*. Se fosse, demorava, chegava tarde, tonto, com aquele bafo, pegava no sono, acordava tarde no sábado, com a cabeça pesando toneladas e a consciência também. E o pior de tudo: aguentar a Creusa de mau humor. A Creusa, sem sexo, era insuportável, e o Afonso sabia disso. Por isso também valia esse sacrifíciozinho de vez em quando só pra ter sossego no dia seguinte.

Mas ele queria falar com os caras, porra, desabafar, afogar as mágoas, desafogar o espírito. Mesmo não podendo dizer nada sobre a Teresa e o menino Filipe. O tal do Figueira agora era o diretor. Que saco, viu! O empertigadinho subira rápido na empresa, jogando sujo, claro, todo mundo sabia. Culpa do porcaria do Ribeiro, que era boa praça, tinha aquela conversinha, sempre rindo pra todo mundo, mas um tremendo larápio, um pilantra de marca maior. Mas o Figueira, o ridículo do tal do Penacho, tinha alguma competência?! Aquela figurinha esdrúxula tinha entrado para a empresa outro dia mesmo e de cara passara a chefe de seção, depois a gerente; agora, diretor! Um absurdo, aquilo! E ele, Afonso, sempre dedicado, assíduo, só levava no cu! Onde ele havia errado? Faltava o quê para pegar pelo menos uma chefia? Ah, claro! não sabia puxar saco de chefe; não vivia cheirando bunda de seus superiores. O Penacho vivia de conversinha com o Almeida, até almoçava com ele, caminhavam lado a lado pelos corredores, o empertigadinho sempre sugerindo isso, sugerindo aquilo, o babaca do Almeida dando trela, acatando as sugestões. Daí a pouco, pronto: olha o Penacho pegando uma chefia! Daí pra frente, largou o Almeida de lado e começou a xeretar o gabinete do diretor. Logo, logo virou gerente. O próximo passo era ficar de olho nos movimentos do Ribeiro, tentar apanhar alguma arrumação dele – afinal, o Ribeiro, com aquele arzinho afetado não enganava ninguém, e qualquer passinho em falso... o Penacho dava o bote, entregava o malandro quentinho aos graúdos da sede da

empresa, no Rio, e... Aproximou-se mais ainda do pilantra, todo mundo notou. Até se comentava, a boca pequena, que os dois estariam de caso, que as más línguas não perdoam ninguém. Mas eram línguas ingênuas, de gente que não conhecia o Penacho. O filho da puta queria mas era achar um meio de puxar o tapete do Ribeiro. A essa altura já tinha um contato importante, peixe graúdo lá na presidência da empresa, no Rio de Janeiro. E, sempre que podia, falava por telefone com esse “contato” do Rio, que a Flavinha, que trabalhava no gabinete, nunca chegou a descobrir quem era. A conversa era a portas fechadas, mas não havia dúvida: o sacana devia ter descoberto alguma coisa e tramava já contra o outro. A esperta da Flavinha lia isso no rosto do Penacho, quando ele abria a porta e lhe pedia – mal disfarçando o ar de satisfação diabólica – que ela não revelasse a ninguém que ele estivera trancado sozinho no gabinete do diretor. E isso ocorria sempre que o diretor viajava. Nenhuma outra sala oferecia aquela privacidade, mas é claro que o sacana devia aproveitar também para revirar o gabinete à procura de algum indício comprometedor. Um demônio, aquele resumo de gente! A Flavinha chegava a colar o ouvido na parede divisória, mas não entendia nunca o que ele dizia pelo telefone. Sabia, porém, que era para a sede que ele ligava, porque conferia as contas de telefone e lá encontrava dia, hora e local de destino das ligações. Por isso, quando o Ribeiro caiu, com a consequente ascensão do Penacho, a Flavinha pôde facilmente deduzir tudo. E contou a história para a Sandra, e a Sandra contou lá na seção.

– Se eu fosse a Flavinha – dissera o Afonso – dava um jeito de sair do gabinete, pedia transferência pra outro setor. Ali, com aquele verme mandando nela, ela acaba se dando mal.

— É verdade — ajuntara o Mauro; a menos que ela tenha muito estômago.

\*\*\*

As ruas estavam calmas, apesar da sexta-feira. É que segunda ia ser feriado e muita gente tinha se mandado para o interior ou para a praia. Afonso ia pensando nos embaraços de sua vida. O problema não era tanto o Penacho ter se tornado diretor – isso era problema do outro, ele que fosse lá comemorar e fizesse bom proveito, que enfiasse no rabo aquela diretoria. Mas ele, Afonso, andava mesmo muito atribulado, com muita caraminhola na cabeça, com vontade às vezes de fazer até algum trem errado, com o salário baixo, aquela inflação maluca e, ainda por cima, a Teresa falando em requerer pensão, todo dia telefonando e pedindo dinheiro pra isso, dinheiro pr’aquilo... Menino novo dá despesa

demais, cara, vou te contar, viu! E ele assim, sem poder desabafar com ninguém, tendo que falar só com seus botões. Já tinha virado até cacoete: ele, sempre quando ia pra casa, ia conversando consigo mesmo, como se fosse com um amigo: “É, cara, não é fácil não, viu! Se arrependimento matasse... Por quê que eu fui ficar com a Teresa tantas vezes sem camisinha? Por quê, porra! E a safada dizendo que não tinha perigo, que ela tomava pílula! Tomava porra nenhuma!”

Quando deu por si, já estava praticamente em casa. Colocou o carro na garagem e entrou no apartamento com um jeito mais sério que o de costume, como se nem fosse sexta-feira.

Creusa se aninhava no canto do sofá, de olho na novela.

— Tudo bem? — disse ele, beijando levemente os lábios da mulher.

— Tudo bem... Que foi? Cê tá tão sério hoje. Que bom que você veio direto. Brigou com a turma?

— Não. Bem que eu quis passar lá no *Uísque Zito*, mas aqueles frescos não toparam. Pensando bem, foi até bom; assim eu fico aqui, a gente toma um vinhozinho, né... Que tal?

Afonso se esforçava para tornar tudo o mais ameno possível. Creusa, por sua vez, já se alegrava com a simples presença do marido em casa, na sexta-feira à noite, embora achasse que Afonso a cada dia se tornava mais estranho, distante, artificial. Tudo nele parecia muito calculado, cada gesto, cada sorriso, até os carinhos. Mulher nenhuma deixa de perceber esses sinais, por mais que o outro saiba representar.

Mas o amor foi até as duas da madrugada, quando Creusa, satisfeita, leve, despreocupada, pegou no sono. A cabeça de Afonso, porém, era um turbilhão. Ele tinha ajeitado o travesseiro de modo a se recostar na cabeceira da cama. Seus olhos agora fitavam sem ver a parede à sua frente, os pensamentos oscilando, cobrindo mil lugares, atravessando décadas, indo e voltando. Às vezes olhava a mulher, que ressonava ao seu lado com a expressão inocente, quase infantil. Ainda sentia amor por ela? Não teria apenas se acostumado às comodidades de um casamento sem grandes tormentas, um relacionamento que lhe proporcionava um porto seguro, onde, após enfrentar diariamente as vagas traiçoeiras daquele mar bravio donde tirava o seu sustento, podia lançar suas âncoras, relaxar, restabelecer-se para a continuidade da navegação rumo à aposentadoria? Aposentadoria! Esse pensamento horrorizava-o. A vida precisava ser bem mais do que isso. Já pensou? Ir levando aquela vidinha em preto e branco e só ter como perspectiva uma maldita aposentadoria! A Creusa até que era boa esposa. Inclusive tinha também o seu trabalho, o salão de beleza que ela dividia com a Lisandra, mulher do Zé Flávio. Até

que dava uma graninha boa. Mas tinha aquela história da Teresa com filho dele, aquela pedição de dinheiro, um dia a Creusa acabava descobrindo tudo. Claro: melhor ser casado com a Creusa do que com uma igual à safada da Fatinha, mulher do Cléber... Agora, mulher mesmo é a Flavinha, viu! Tão meiga, tão bem-feitinha de corpo, tão gostosinha... E solteira ainda, cara! É, solteiríssima, apesar dos trinta e dois. A cada dia ele pensava mais nela, que coisa, viu! E a Creusa ali do lado, dormindo, na sua santa inocência, feito uma criança.

Oito anos casados. Como o tempo passa! Mas casamento é uma coisa que com o tempo vai ficando sem graça, porra. Será que era assim com todo mundo, ou ele não amava de verdade? A Creusa era uma excelente mulher, mas então por que ele só ficava pensando em outras? A Flavinha era uma delícia. Que cabelão bonito, que sorriso, que pernas! Se pudesse sair com ela... Era melhor parar de pensar nisso agora, precisava dormir, pois logo de manhãzinha a Creusa, bem-dormida, ia querer ir ao clube. Outra coisa que já estava ficando chata era aquela história de clube todo final de semana; chegava lá, logo vinha o mala-sem-alça do tal do Sesfredo, com aquela pança enorme, com aquele papo maçante, contando aqueles casinhos insossos... E a meninada toda hora correndo, pulando, berrando, derrubando as garrafas. Criança também era outra coisa chata. Ainda bem que a Creusa não engravidava. Claro que o problema era com ela; ele, não: ele era pai do Filipe, porra. E a coitada ainda achava que o estéril era ele, santa inocência! “Faz os exames, amor, vai ver que o problema é simples, faz o tratamento, fica bom...” Coitada! Não sabendo ela que em Lagoa Santa tinha um filhote de gente que era a cara dele e que só de mamadeira e fraudas descartáveis levava uma beiradinha boa do seu salário... Mas aquela história de clube... Era melhor, nesse sábado, pegar o carro e dar um giro fora da cidade, sair um pouco daquela mesmice. O problema era que o carro não andava muito bom, de vez em quando tinha de levá-lo à oficina. Carro velho demais. Precisava trocá-lo, mas a grana andava curta, ainda mais tendo que mandar dinheiro escondido para a Teresa, mãe do menino. Se tivesse uma promoção... O chifrudo do Anacleto prometeu falar com o gerente, mas não falou porra nenhuma. Tem muito cara fingido ali na empresa. Todo mundo ri pra todo mundo, mas, pelas costas, ó: ferro! Mas um dia desses ele tinha de levar a Creusa a São José do Brejo da Paca, nem que fosse de ônibus. Não é longe, dá pra ir e voltar no mesmo dia. Pena que tia Inácia já morreu. Foi na casa dela que ele conheceu a Creusa.

Lembrava do dia em que chegara a São José do Brejo da Paca à procura da tia. A mãe, dona Rita, tinha acabado de morrer em Belo Horizonte, tinha dado um troço nela, ataque do coração, coitadinha, e ele sozinho com ela em casa. Chamou os vizinhos, mas já era

tarde. Aí resolveu pegar o ônibus e ir avisar a tia. Ele então não tinha mais parentes, só tia Inácia mais tio Tacão. A última vez que ele tinha visto os dois ainda morava em São José do Brejo da Paca, o pai ainda era vivo. Mas com pouco morreu, moço ainda – cirrose provocada pelo alcoolismo –, e a mãe então, para tentar ganhar a vida, vendeu a casa e veio morar em Belo Horizonte, em Venda Nova. Vinte anos depois, já com trinta, ele voltara a São José do Brejo da Paca para avisar que a mãe também falecera. Mas ia também, na verdade, em busca de colo, ou antes, para encontrar alguma extensão de si mesmo, pois estava se sentindo como um indivíduo cuja espécie se extinguia...

As imagens iam e vinham, cada vez mais esmaecidas, o sono já se impondo. Da janela semiaberta uma aragem fria começava a incomodá-lo. Ergueu-se, sentindo as costas doloridas por causa da posição desconfortável em que permanecera durante suas divagações. Foi, fechou a janela, puxou a cortina, voltou, olhou penalizado para Creusa, acomodou-se sob as cobertas e adormeceu.



## Capítulo II

**C**reusa não exigia muito da vida. Tudo de que precisava era algum conforto e do amor de Afonso, coitada. Até mesmo o filho que não vinha deixara de ser para ela um fator indispensável. Houve época em que imaginava que, se tivesse um bebê, iria fortalecer os laços do matrimônio. Mas o Afonso parecia não ligar. Às vezes pensava em adotar uma criança, mas não se atrevia a dizer isso ao marido. Ele vivia reclamando que não tinha dinheiro pra isso, dinheiro pr'aquilo... Também, criança dá muito trabalho. Veja o caso da Lisandra, mulher do Zé Flávio: três meninos, todos três na escola, os três dando muita dor de cabeça e despesa. O mais velho (o Paulo César) sempre com problema de saúde, coitadinho, tomando remédio controlado, ficando em clínica; os outros dois, com saúde, mas não aprendendo nada na escola, tomando bomba todo ano. E o dinheirão que ela gasta com eles! E o pior de tudo é ela ter que aguentar o Zé Flávio com aquele gênio de cão. Até bater nela ele bate, que ela já contou lá no salão.

Melhor mesmo era se conformar com aquela vidinha feijão-com-arroz que já era bom demais. Era só olhar para trás e perceber que tudo tinha melhorado. Quando criança ela nem mesmo podia sonhar com um futuro assim. Criada sem pai nem mãe desde os cinco anos, teve de viver feito escrava nas casas de família lá de São José do Brejo da Paca, um dia aqui, outro ali, sendo humilhada, desrespeitada pelos filhos da puta dos patrões e seus filhos. Até que um dia, já com quinze anos, foi parar na casa de dona Inácia. A velha morava só com o marido, seu Tacão, pois os quatro filhos já estavam casados e morando fora. Chegou lá, resumiu sua história e disse que só queria comida e cama, em troca de qualquer serviço que tivesse pra fazer.

Dona Inácia gostou logo dela, pois lhe lembrava a filha caçula que morava em São Paulo. Lançou-se logo ao trabalho e ainda estudava à noite, no colégio. A velha passou a tratá-la como filha. Seu Tacão é que era meio esquisito, mas ficava mais era lá no canto dele, não bulia muito com ela. Coitado do seu Tacão, não batia bem da bola. Já devia ser doido há muito tempo e dona Inácia não sabia. Já fazia uns dez anos que ela estava com eles, quando o velho teve aquela crise braba e foi internado. Depois disso ele nunca mais saiu do hospício. Será que já tinha morrido? Ninguém sabia dizer.

E foi ali naquela casa de dona Inácia que ela tinha visto Afonso pela primeira vez. Ela se lembrava bem do dia em que o belo rapaz de calça *jeans* e jaqueta de couro tinha aparecido lá na casa de dona Inácia, chamando-a de tia. Creusa já estava com seus vinte

e oito anos, e ele, com trinta. Dona Inácia não o reconhecera, pois ele saíra de lá ainda menino. “Sou eu, tia Inácia, o Afonso filho do Tonho!” “Ah, mas como ocê ficou diferente! Entra pra dentro!” Ele estava triste, pois fora avisar a tia da morte da mãe. Mesmo assim, quando ele a fitou, Creusa sentiu-se arrebatada por uma emoção estranha que não sabia se era boa ou ruim, uma espécie de medo misturado com alegria, o trem mais esquisito. Ela não sabia nada de amor, aos vinte e oito anos! Aliás, não acreditava muito nessa história de amor. Agora ria de si mesma, ao recordar aqueles tempos.

A história de Afonso, até então, tinha muito em comum com a dela, o que tornara mais fácil, quase automática, a aproximação entre os dois. Ambos precisavam se amparar para vencer a luta pela vida. O namoro se iniciara imediatamente. Um ano depois se casaram.

Nessa época seu Tacão já tinha sido internado no hospício. De modo que dona Inácia ficou sozinha. Pouco tempo depois tiveram notícia da morte da velha. Essa lembrança magoava Creusa, que não pudera estar com dona Inácia no final de seus dias. Coitada de dona Inácia. E seu Tacão? Ninguém sabia dizer que rumo ele tinha tomado: na clínica não estava mais.

E agora Afonso fica querendo ir com ela passear em São José do Brejo da Paca. Pra quê? Nem a casa de dona Inácia não deve existir mais.

Afonso não era mau marido, não. Mas ficava com umas preocupações bobas, tinha hora que não dava pra entender. Às vezes parecia que ele fazia as coisas só por obrigação. Trabalhava por obrigação, comia por obrigação, ia ao clube por obrigação, amava... por obrigação! Era isso mesmo, às vezes até se distraía, parecia que nunca estava inteiro com ela. Creusa achava incômodo pensar nessas coisas, mas às vezes se perguntava: ele a amava ainda? E se amava, será que amor de homem era assim mesmo? Se Creusa começa a pensar muito, a sua paz vai embora. Logo começa a duvidar da sua felicidade. E aquele dia no churrasco, na casa do Cléber? Era muito esquisito o jeito com que o Afonso tratava a tal da Flavinha, cheio dos salamaleques; até chegou a botar uma lasquinha de picanha na boca da sirigaita, e ela com aquele shortinho curto, rebolando no meio dos homens! Que raiva, viu! E comentou com a Lisandra e ela veio com panos quentes, dizendo que aquilo era só gentileza do Afonso, e também, quem sabe não era pra fazer gracinha pros amigos? “Homem é bicho besta mesmo, né...”

— Você tem é muita sorte — dissera Lisandra. Imagina só se o Afonso fosse que nem o Zé Flávio, que até me bater ele bate!

— E por que você ainda não foi na delegacia denunciar esse cavalo?

— Se eu fizer isso, ele me mata, já falou. Pode até ser preso, mas quando sair da cadeia ele disse que me persegue até matar.

Aquilo era que Creusa não entendia: o Zé Flávio era o mais educado dos colegas de Afonso. E mesmo com a Lisandra ele falava manso, pelo menos quando os dois estavam com a turma. Era verdade que a Creusa algumas vezes surpreendera em Zé Flávio aquele olhar maligno quando a Lisandra dizia algo que lhe desagradava. Mas era um rápido lampejo apenas, que os colegas nem percebiam. Sujeito mais estranho. Era aquela conversinha mansa o tempo todo e quando chegava em casa cobria a pobre de pancada. Claro que aquilo era ciúme, ciúme mórbido mesmo, daqueles que sufocam. O Zé Flávio não podia ver a graciosa esposa se expressar livremente. Uma entonação de voz diferente, uma risada, o menor gesto que pudesse evidenciar o charme de Lisandra já era o suficiente para abalar os nervos daquele *otelo* de uma figa! Casasse com uma feiosa então, porra! Por quê que ele não separava da Lisandra e ficava com aquela tal de Vilma, que além de dentuça tinha um mau hálito do cão? Daquela, sim, ele não ia precisar ter ciúme nunca.

Afonso não acreditava: “Desde quando, Creusa! O Zé Flávio não levanta a mão nem pr’um cachorro. Isso é onda da Lisandra. Essa mulher é maluca. Não é à toa que o Paulo César vive com problema: puxou à mãe.”

Homem não tem mesmo sensibilidade. E uns ainda defendem os outros. Que raça, viu! Ainda bem que o Afonso não era violento que nem o porcaria do Zé Flávio. Menos mal! A Lisandra tinha razão: o melhor era levantar as mãos pro céu e agradecer. Depois, ninguém é perfeito mesmo, fazer o quê, né?

\*\*\*

Naquela manhã de sábado, Afonso acabou acordando tarde. Creusa, que já tinha tomado banho, preparado o café, cuidado de plantas, do canário, foi avisar que a mesa estava posta. Mas notou que o sono dele era profundo e resolveu deixá-lo dormir mais. Voltou para a cozinha, ajeitou uma coisa ou outra, depois foi se postar à janela, de onde ficou por muito tempo olhando a Serra do Curral e deixando o pensamento em livre curso. Ainda sabia sonhar, ainda tinha suas veleidades. Porém, aquela doce entrega aos devaneios era, naquela manhã, interrompida amiúde por sua recente preocupação com o marido. Afonso não parecia bem. Andava desligado, mais calado e até triste. Também se preocupava demais com assuntos do trabalho, tinha aquela mania de viver reclamando. Gente, pois se eles tinham tudo de que precisavam, pra que complicar a vida! Achar que

tem que ganhar mais, que tem que ser melhor que os outros, ficar chateado porque um porcaria de um tal de Penacho tinha virado diretor! Ela não conseguia entender. Tudo podia ser tão mais simples...

Depois do café resolveram que não iriam ao clube.

— Vamos mudar o programa hoje?

— Aonde você quer ir?

— Brejo da Paca.

— Brejo da Paca?! Você não esquece mesmo, hein... Tá bom, vamos lá. E o carro, tá legal?

— Tá; dá pra ir numa boa.

### Capítulo III

**P**egaram a estrada, e às doze e trinta já se achavam em São José do Brejo da Paca.

Tudo era igual e ao mesmo tempo era estranho. As altas, velhíssimas palmeiras pareciam acenar serenamente se dizendo eternas. Ao longe, antes mesmo que o carro entrasse na cidade, a torre da igreja já dava notícia de que São José do Brejo da Paca não desaparecera do mapa.

Afonso parou o carro na praça à beira do jardim, e teve a impressão de que até as flores eram as mesmas de anos atrás. Até os beija-flores, os pombos, o velho que lhes jogava fragmentos de pão; até mesmo as crianças pareciam ser as de décadas atrás, como se tudo se tivesse tornado perene naquela cidadezinha onde Creusa e Afonso haviam passado sua infância.

— É incrível eu não ter te conhecido no meu tempo de menino, numa cidade assim tão pequena, Creusa.

— Eu vivia de casa em casa, Afonso, como você sabe. Além disso, você deixou São José menino ainda, quando o seu pai morreu, não foi assim?

— Claro.

Calaram-se de novo. Por algum tempo ainda permaneceram ali na praça, em silêncio, desalentados, sem se decidirem a procurar o que quer que fosse. Creusa ainda se perguntava o que queria Afonso, o que fora procurar ali. Decididamente, Afonso não era o mesmo. Tornara-se, nos últimos tempos, cada vez mais misterioso, não apenas por causa dos seus silêncios, por vezes muito prolongados, seu olhar distante com o qual ela frequentemente se deparava. Não era só isso. Ele às vezes fazia piadas, ria um riso forçado, tudo para disfarçar algo que o incomodava havia algum tempo. Outra mulher? Algum problema mais sério na empresa? Ela não podia saber. Seguia, havia meses, cada gesto do marido, cada movimento, o menor que fosse, dos olhos, do semblante, da boca, o som da voz; observava o modo como ele se vestia, se penteava, como falava ao telefone com os amigos. Tornara-se uma investigadora sem tréguas de todo modo de expressão de Afonso, sem lograr êxito. No entanto, a ideia de que o marido pudesse ter outra mulher era rapidamente repelida, tão logo se insinuava em meio às muitas conjeturas. Era como se essa ideia, ganhando vulto, pudesse dismantelar alguma estrutura cuidadosa e precariamente construída dentro dela. Era mesmo apavorante. Não! Isso não, nem pensar. Não havia, não podia haver outra mulher.

Porém, afastada assim com tanta veemência essa ideia, toda aquela atitude atenta e detetivesca resultava pouco ou nada produtiva, perpetuando o mistério daquela esquisitice do marido.

Agora também, ali no carro estacionado à beira do jardim, Afonso desviava sua atenção das flores, dos pombos, das crianças e seu pensamento ia e vinha. *Aquele* problema! Creusa um dia acabava sabendo, por ele ou outra pessoa. Melhor que fosse por ele mesmo, mas... Como? Cadê coragem? O rompimento seria quase certo, e rompimento ele não queria, pois amava..., bom: gostava muito da Creusa. Ela era uma mulher excelente, uma pessoa incrível, só que... Agora quase se traía com um sorriso, porque se lembrou do que o César uma vez lhe dissera: "Você descobre que não ama uma mulher quando começa a dizer que ela é uma pessoa incrível, excelente, etc., etc., e depois acrescenta um 'mas', ou um 'só que'".

Pois é: a Teresa. Existia a Teresa, aquela morena ajeitada que morava com a mãe em Lagoa Santa, e com a qual ele tinha um filho. Por isso, seu melhor e único confidente era ele próprio, tinha de ser: "Bicho, como é que eu saio dessa!" – indagava ele de um outro Afonso dentro de si mesmo. "E o Filipe é a minha cara, o danadinho. E a Teresa ainda queria porque queria botar no menino o meu nome, olha só! Ia ser Afonso Júnior, Juninho. Não deixei mesmo, ora! Aí ela veio com aquela história de registrar o menino com o nome do avô. Mas o avô do menino foi um tal de seu Raimundo, porra! Criador de minhocuçu lá pelos lados de Paraopeba. Eu ia deixar? Claro que não! Raimundinho, Mundico! Quem é aquele menino brincando com o Afonso? Ah, aquele ali é o Mundico, filho dele. Já pensou, cara! Aí eu falei: nada disso, o nome do moleque vai ser Filipe. Fui lá no cartório e registrei, dentro dos conformes..."

— Vamos? Convidou ele, voltando de seus devaneios.

— Vamos, ela respondeu, arrancada que fora, também, de sua pequena viagem particular. Os dois estiveram, por longos minutos, dando livre curso aos próprios pensamentos, sem que houvesse ponto em comum entre os dois itinerários. "Vamos aonde? E para quê?" — ela intimamente se perguntava.

Foram rodando devagar pelas ruas de pedra. Continuavam calados. O dia muito claro dava às montanhas que se desenhavam ao fundo um colorido raro, parecendo ser, curiosamente, o único aspecto "novo" naquela cidade fadada a atravessar os séculos sem se modificar.

Percorreram toda a cidade, revendo, embora sem entusiasmo, os principais pontos. Subiram até à Pedra do Pato para de lá contemplarem a cidade, encolhidinha lá embaixo,

entre as colinas salpicadas de brancas casinhas, cada uma com seu quintalzinho e as cacarejantes galinhas. O sol a pino, e aquela modorra tomando conta de tudo. Aquela cidadezinha não sabia o que era estresse. Que pasmaceira, que sono! E o silêncio ainda era rei ali, entre o casal. Bem que ali perto tinha um pequeno lago de fundo arenoso, água muito clara, bom para se banhar, uma delícia sob aquele sol. Mas, que nada! Desceram de novo até a cidade. O que Afonso queria mesmo era passar de novo lá na casa de tia Inácia, procurar não sabia bem o quê. A casa onde vivera com os pais já não existia, e disso ele soubera pela própria tia, na última vez em que lá estivera, quando aliás conheceu Creusa.

De modo que, depois de muito rodar, pararam em frente ao portão desbotado sobre cujo grande arco se viam eternamente grudados os mesmos musgos e heras da meninice de Afonso.

Será que alguém estava morando na casa? Chamaram, batendo palmas, duas, três vezes. Ninguém atendeu. Empurraram, pois, o portão, que cantou fanhoso em suas enferrujadas dobradiças. Foram entrando, desviando-se aqui e ali das teias de aranha, até chegar à porta da sala que também chiou quando aberta.

Afonso percorreu toda a casa, enquanto Creusa permaneceu perto da janela, olhando a velha mangueira lá fora, rodeada de entulhos, paus podres e toda a sorte de coisa imprestável. “O quê que o Afonso queria ali, gente!”

A casa fora por completo esvaziada, não havendo ali nenhum sinal, nenhuma lembrança de tia Inácia. No velho fogão ainda estavam as cinzas frias, muito antigas, mas isso talvez fosse só para que Afonso compreendesse o poder implacável do tempo.

Ele voltou desolado para a sala. Em silêncio, tomou a mulher pela mão e foram deixando a casa lentamente. Resolveram dali procurar um restaurante.

Meia hora depois, diante da porção de bife com fritas, que mal tocara ainda, Creusa observava de soslaio o marido, que sorvia o chope, pensativo. Depois arriscou a pergunta:

— O que você veio procurar?

Ele ainda permaneceu pensativo por instantes, depois disse:

— Sabe, Creusa, quando eu era criança meus pais iam muito comigo ali, na casa de tia Inácia. Acho que os melhores momentos de minha infância eu passei ali, naquele quintal, brincando com meus primos. A casa de meus pais não existe mais. Sabe: eu acho que eu vim atrás de colo.

— Colo... Mas o tempo não para, né, Afonso...

— É... Você se lembra da *Banha Pedro II*, e do *Biscoito Piraquê*? Pois é: quando eu vim pela última vez na casa de tia Inácia, aquele dia que a gente se conheceu, eu tive a

impressão de que ali naquela casa tudo era eterno: o cheiro forte de feijão cozinhando, as velhíssimas panelas de ferro, as telhas empretecidas, o papagaio. Tia Inácia usava os mesmos vestidos de sempre e também tinha as mesmas rugas de sempre. Tudo era para sempre. E também a lata de biscoito onde tia Inácia guardava as broinhas. Lata do *Biscoito Piraquê*. Aquelas broinhas também eram eternas, saindo assim da velha lata de biscoito. Comi uma broinha aquele dia e virei menino outra vez; viajei duas décadas para trás, e me indagava se não seria possível consertar o mundo simplesmente voltando a guardar broinhas em latas de biscoito antigas. “Será que ocê ainda aprecia broa de milho, Afonso?” — ela tinha me perguntado. Mas ela não existe mais. Tia Inácia não existe mais, e nada daquilo era eterno coisíssima nenhuma, você me entende, Creusa? E aquele menino que eu fui não cabe mais no mundo. Aquele menino — **este** menino aqui dentro de mim! — precisa se mancar, saber que não pode mais pedir colo, não há mais colo. Tudo acabou, tudo o que resta são cinzas – tristes cinzas como as que eu vi no velho fogão de tia Inácia.

A voz de Afonso estava embargada. Ele se calou e baixou os olhos. Ficou girando o fundo do copo na toalha da mesa, sem vontade de nada. Creusa sentiu um impulso de acariciar-lhe os cabelos num gesto de consolo. Chegou a erguer a mão, mas a reteve, impotente. E esta era bem a palavra: impotência. O desabafo do marido, por alguma razão, a fizera sentir-se nula; era como se não possuísse os requisitos suficientes para suprir-lhe as carências. A partir daquele momento um grande mal-estar começou a invadi-la, pois, além de não se sentir capaz de ajudar Afonso, ela se tornava cada vez mais convicta de que o perdia, ou antes, de que nunca o tivera de verdade.

— Quero deixar aqui este menino de colo, Creusa! Daqui a pouco a gente vai sair desta cidade e enterrar aqui, para sempre, a minha meninice. A vida tá me pedindo para agarrá-la com força, e só um adulto pode fazer isso.

— Mas um adulto também pode fraquejar de vez em quando...

— Pode sim, Creusa, mas se caiu, é melhor levantar logo, que a vida é um trator: vem e passa por cima!

Deixaram a cidade pouco depois. Mas ao passarem perto da Pedra do Pato, Afonso disse, agora um pouco mais animado:

— Creusa, cê sabia que tem uma cachoeira pequena ali mais em cima, depois da Pedra do Pato, bem pra cima do laguinho? Eu quero dar uma passada lá. Vamos?

— Uai, cê que sabe. Vamos lá – ela respondeu, sem entusiasmo. Mas ele parecia mesmo mais animado.



— Vamos tirar a roupa, Creusa — ele disse, logo que chegaram. Essa água há de lavar de mim qualquer restinho de saudade, de lembrança boba. Isso vai ser um batismo, Creusa. Vou sair daqui renovado. Vem também, mulher, vem, vem logo!

E ele agora dançava e ria muito sob a queda d'água, puxando a mulher, que acabou tendo que tirar também a roupa. Nus, os dois brincaram como meninos, Creusa também cedeu àquela alegria momentânea que os levava a se esquecer do mundo, a água batendo de cheio sobre os corpos, os cabelos molhados, os rostos infantilizados.

Secaram-se ao sol depois, antes de vestirem de novo a roupa e se despedirem da cascata. Abraçados, olhavam lá embaixo a cidadezinha em sua eterna modorra. Mas Afonso não se deixava mais enganar: nada era eterno!

\*\*\*

Chegaram em casa no finalzinho da tarde. Era bom morar naquele bairro, porque a vista era linda, a Serra do Curral se mostrava em toda a sua exuberância a quem se debruçasse numa daquelas janelas do prédio onde moravam Afonso e Creusa.

Mas, logo que tinham saído de São José do Brejo da Paca, o incômodo silêncio voltara a prevalecer entre os dois. Uma angústia começara a se apossar da mulher de Afonso.

Menos de uma hora depois de ter chegado, Afonso, de banho tomado, roupa limpa, veio à sala dizer à esposa que precisava sair um pouco, desanuviar as ideias, e coisa e tal. Na verdade, sua intenção era dar uma esticada a Lagoa Santa: Teresa o aguardava para lhe apresentar um tio que viera de Paraopeba e que iria ser o padrinho de Filipe.

— Mas acabamos de chegar! — reclamou Creusa.

— Eu sei. Mas preciso espairar um pouco, você entende, né: São José do Brejo da Paca hoje mexeu muito comigo.

— Não quer me levar?

— Não, Creusa, me entenda: preciso estar só, rodar um pouco por aí e conversar com os meus botões.

Ela ficou a fitá-lo com um olhar oblíquo, estudioso. Depois foi à janela e lá se postou, recebendo a brisa fresca do início da noite. Daí a pouco, ao perceber que ele se dirigia à porta, chamou:

— Afonso!

— O que foi?

— Você me ama?

— Por que essa pergunta agora?

— Responde: cê me ama?

— Ora, Creusa, você escolhe cada hora pra fazer esse tipo de pergunta! Vou sair. Depois a gente conversa.

Esquisito, esquisito demais aquilo. Uma figura feminina mais bonita, mais esbelta, mais inteligente, mais jovem, *mais tudo* foi se desenhando com linhas cada vez mais nítidas num espaço imaginário que Creusa, mesmo a contragosto, via se estabelecer entre si e o marido. Tinha sim, ele tinha outra. Cadê coragem para sair da janela, ir secar as lágrimas lá dentro, na fria aridez do apartamento grande demais para sua solidão? A brisa, agora mais fria, era o único e precário toque que a noite, já plena, providenciava para seu consolo.

Nove horas, nove e meia, dez. A que horas deixou a janela? A que horas desligou a TV para adormecer no sofá? As costas e as pernas lhe doíam quando acordou e foi para o quarto, sentindo a boca amarga, o corpo pesado demais e a pressão das lágrimas que de novo forcejavam para rebentarem quentes sobre o travesseiro. A cabeça também lhe doía e foi preciso dose reforçada de aspirina para adormecer de novo.

Mas acordou pouco depois. A dúvida, a esperança, a insônia. Dúvida e esperança, juntas, ocupavam agora o lugar inteiro da convicção em seu espírito mortificado. Se fosse para se encontrar com outra, ele não teria saído de casa com aquele ar tão aborrecido – cochichava-lhe a dúvida, acariciada pela esperança. Não, ele não tem outra, não pode ter. Afonso é um homem bom, honesto. Não está bem, anda esquisito, preocupado com trabalho, com falta de dinheiro, essas coisas. Até por isso mesmo não ia ter cabeça para pensar em outra mulher. Mas... Tinha alguma coisa no ar, no jeito um tanto aflito com que Afonso deixara o apartamento no início da noite, no seu tom de voz... Não sei. Tem alguma coisa, tem mulher na história, ia de novo considerando a pobre Creusa.

Isso durou até o ranger indiscreto da porta do quarto, quando o marido, esforçando-se para não fazer nenhum ruído, entrava descalço para se abrigar sob as cobertas, ao lado da mulher. Ela então fingiu que dormia, simulou um suave ressonar e presenciou, minutos depois, o mergulho de Afonso em profundo sono. Levantou-se, foi se olhar no espelho do banheiro. Notou o quanto estava desfigurada, pálida, olhos opacos. Até quando iria durar aquilo, meu Deus! Começou a lavar as lágrimas, que não se continham. Tomou da toalha e foi para a sala, sentou-se no sofá e se assoava tristemente, entre soluços. Não dormiu mais aquela noite.

## Capítulo IV

**A**lfredo era um dos tipos mais elegantes de sua espécie. Postava-se com muito garbo, trazia nos brilhantes olhos de um verde acinzentado aquela mistura especial de candura e altivez. Movimentava-se com preguiça e suavidade. Espreguiçava-se e esfregava no pé da mesa o corpo esguio, gesto sensual que em tardes solitárias não podia guardar só para o dono. A maior parte do tempo, porém, passava nobremente acomodado sobre o sofá, onde, invariavelmente, Penacho o encontrava ao anoitecer, de volta do trabalho. Miava baixinho ao ver o dono, mas não se dava ao trabalho de erguer-se de sua comodidade para recebê-lo.

O dono acariciava seu pelo macio e lustroso, e nisso não perdia mais que alguns segundos, antes de dirigir-se taciturno para seus aposentos. Depois, sim, banho tomado, voltava para a sala e se punha a conversar com o gato, único elemento a impedir que fosse completa sua solidão. Narrava-lhe as peripécias do dia. Às vezes, depois do segundo uísque, deixava-se desabafar diante do indiferente Alfredo, que, o mais das vezes, conservava os olhos cerrados – dois pequenos traços horizontais que atestavam o conteúdo enfadonho da conversa do solitário dono.

Entretanto, naquela noite de sexta-feira, Penacho chegara eufórico. Mal entrara em casa, depôs sobre a mesa uma garrafa de vinho e se dirigiu ao gato:

— Consegui, Alfredo, consegui! Eu não disse?! Diretor, Alfredo, agora sou o diretor! Desbanquei o pilantra do Ribeiro! Comigo não tem brinquedo, eu falei! — e beijava o gato, que tomara ao colo, e dançava no meio da sala, e cantava, cheio de uma alegria que não lhe era peculiar.

Abriu depois a garrafa, serviu-se, brindou erguendo a taça rumo ao lustre e depois fazendo-a tocar de leve o narizinho do charmoso Alfredo, que se encolheu sem abandonar sua costumeira indolência.

— Minha trajetória ali na empresa até agora foi digna da minha grandeza, Alfredo! Quero ver agora qual vai ser o primeiro filho da puta a bancar o besta comigo. Boto no olho da rua! Agora ali vai ser assim: ou me respeita ou... rua! Cismaram com minha cara desde que eu comecei na empresa. Era só cochicho pra cá, cochicho pra lá, quando eu passava. Pegaram a implicar com meu cabelo, que eu fiquei sabendo. Longe de mim, me chamam de “Penacho”, você acredita, Alfredo? “Penacho”! Eu, Sebastião Figueira Santana de Almeida, fazendo jus à ignóbil alcunha de “Penacho”. Mas eu sou um trator, Alfredo, um

trator, entendeu?! Passo por cima mesmo. Cheguei lá! Agora é comigo, agora só vai dar eu, Alfredo. Agora vai ser: “Com licença, Dr. Figueira!”, “Posso entrar, Dr. Figueira?”, “Bom dia, Dr. Figueira!” É, Alfredo, agora vão piar fininho comigo, cê vai ver! E eu ainda vou tirar muita sujeira de debaixo do tapete, pode acreditar. Ali tem muita safadeza, Alfredo. Aquilo ali é um antro de sem-vergonhice, é o império da sacanagem, todo mundo querendo trepar com todo mundo, gente saindo no meio do expediente pra se encontrar no motel com o colega – a maioria mulher casada chifrando o marido e vice-versa, uma pouca vergonha. E tudo isso o Ribeiro sabia e fazia vista grossa, só preocupado em ir enfiando a mão na grana da empresa. Mas eu faço as coisas assim, Alfredo, cada uma no tempo adequado. Existe um tempo certo pra tudo. Agora que eu já ranquei o pilantra daquela cadeira, os outros que me aguardem! Vou detonar todo mundo, Alfredo, a coisa vai feder. Alfredo... Alfredo! Oh, seu filho da puta, eu aqui falando, falando e você aí dormindo, ou fingindo que dorme! Tem hora que é foda viver assim, sozinho, viu! E o vinho também acabou, que porra! Sai desse sofá, vai lá pra dentro! ...

Escorraçado dali, Alfredo miou baixinho e deixou a sala sem abandonar de todo sua felina indiferença. Penacho então foi ao pequeno bar no canto da sala e pegou uma garrafa de uísque. Serviu-se, sentou-se no sofá e se pôs a resmungar. Estava comemorando a vitória. Todas as suas vitórias eram comemoradas assim: resmungando, sem alegria. Empolgava-se por alguns minutos, mas em seguida era obrigado a se defrontar com aquele imenso vazio, diante do qual reagia com grande irritação. Cada êxito alcançado parecia enfatizar-lhe o grande oco que era a sua existência. A cada conquista, aumentava-lhe a grande bolha de sabão dentro da qual ele vivia, uma bolha colorida, risonha, mas, ainda assim, uma bolha, e, portanto, assombrosa, porque poderia deixá-lo sem chão, ou melhor, de cara no chão, quando não pudesse mais se sustentar. Faltava-lhe algo essencial que ele se sentia incapaz de definir. Isso o assustava.

Não tinha amigos. Ali na empresa ninguém merecia a sua amizade. Aquela gatinha? Ser amigo daquela gente? Nunca. Ninguém ali chegava ao seu nível. Era um povinho reles demais! Saíam para os bares, os néscios, iam beber, só queriam farra. E é claro que nessas ocasiões falavam mal dele o tempo todo, bando de invejosos. Veja se alguém da sua categoria ia se misturar com aqueles seres inferiores, sem berço! E as mulheres? Nenhuma que prestasse, todas vulgares. A tal da Flavinha, por exemplo. A turma babava por ela. Por quê? O quê que os idiotas viam nela? Um corpo bonito, um rostinho mais ou menos. E daí? Isso era pouco demais para um homem como ele. Então diziam — ou insinuavam — que ele não gostava de mulher, faziam piadinhas. Cambada de sacanas. O dia que aparecesse

ali na empresa uma mulher de verdade, essa seria dele, com toda a certeza. Charme e inteligência não lhe faltava para conquistar a mulher que ele quisesse. Era baixinho, sim, e daí? Mas sabia se vestir, usava perfume francês, falava bonito. E, agora, como diretor, que mulher interessante o resistiria, caso ele resolvesse usar seu charme? A mulherada medíocre ali na empresa não ligava pra ele, mas por quê? Porque o ambiente era pobre demais, e as mulheres ali tinham pobres aspirações. Elas gostavam mesmo era de frequentar botecos com mesas nas calçadas, churrascos em fins de semana na casa de fulano ou beltrano. Coisa de pobre. Gentinha! Trabalhar que é bom mesmo ninguém ali trabalhava, todo mundo enrolava. Era só fuxico pelos corredores, você chegava nas seções e encontrava as rodinhas, todo mundo fazendo fofoca, ou falando de futebol, ou lixando unhas. Ah! O quadro de pessoal ali naquela empresa poderia ser reduzido tranquilamente pela metade! Deixasse com ele, que de agora em diante tudo ia mudar, o tempo da moleza estava no fim. Reformulação completa de todo o organograma, criação de cargos estratégicos diretamente ligados à diretoria, com atribuições muito específicas e todas elas visando a um controle permanente do funcionamento dos setores e do comportamento dos seus respectivos funcionários. A produção ia aumentar ao mesmo tempo em que haveria redução drástica do número de empregados. Os ocupantes desses cargos estratégicos só se subordinariam ao diretor e exerceriam constante pressão sobre os gerentes e chefes de seções. Ele, Figueira, iria mostrar aos seus superiores lá na sede o seu talento administrativo. Quem sabe até...

— Alfredo! Alfredo, vem cá! Preciso te dizer uma coisa: em breve vamos mudar para o Rio, sabia? Oh, Alfredo, deixa de preguiça, vem cá, eu quero falar com você!

Já tinha tomado, além da garrafa de vinho, várias doses de uísque. Enrolava a língua e queria, de novo, conversar com Alfredo. Ia apresentar aos seus chefes lá da sede o seu projeto, a sua proposta de reformulação do quadro da sucursal, as mudanças que, segundo ele, iriam revolucionar o próprio conceito de administração moderna.

— Será que eles vão concordar comigo, Alfredo?

Alfredo se aproximou, cauda erguida, pachorrento como sempre. Parecia, de fato, entender o que lhe solicitava o amo embriagado. Veio se esfregando pelas ébrias pernas deste, como se quisesse demonstrar sua solidariedade. Penacho prosseguia com seu discurso, o rosto já bastante desfigurado, rubro, os olhos vidrados, os cabelos ainda mais desalinhados que de costume:

— Sabe, Alfredo, a minha genialidade é de tal magnitude que às vezes até mesmo **eu** fico embasbacado. Eu tenho aqui, ó, nesta minha extraordinária massa cinzenta, uma

proposta a ser apresentada aos meus superiores lá da sede que, se for aceita, será exemplo perene para todos os administradores do planeta! As inovações que eu vou implementar na minha administração vão registro em obra a ser publicada, para que o mundo inteiro tome conhecimento e entre em contato com a verdadeira noção de administração moderna. Vou detalhar o meu projeto e enviar sem perda de tempo para o Rio. Se me derem carta branca, Alfredo, dentro de poucos meses os resultados vão surpreender a todos. Haverá, com certeza, aumento da produção, da qualidade dos produtos e redução dos custos. E aí, então, meu amigo, ah! pode acreditar: não vai dar outra, serei convidado a trabalhar na sede! Já pensou, Alfredo, a gente morando num apartamento com vista para o Corcovado?!...

E nisso, Alfredo já cochilava de novo. E o Figueira prosseguia com seu palavrório. Suava, babava, esbarrava na mesa, tropeçava nas cadeiras, tinha a fala arrastada, os olhos congestionados, os cabelos cada vez mais miseravelmente desgrehados. O aspecto geral era de um desvairado. Fitou-se no espelho e atirou com raiva o copo contra a parede. Estava agora, repentinamente, possesso. Enxotou de novo o gato. Resolveu despejar seu fel sobre os funcionários da empresa. Levou nisso o resto da noite.

Acordou de madrugada e se viu esticado sobre o carpete, de roupa e sapatos. Não sabia o que amargava mais: se a boca ou o coração. Ergueu-se com dificuldade, a cabeça latejando, e se arrastou até a cozinha. Bebeu bastante água e sentiu aumentar-lhe a dor. Revirou os armários à procura de analgésicos. Tomou dois comprimidos, bebeu mais água, lavou o rosto na pia do banheiro, livrou-se dos sapatos e se jogou na cama.

\*\*\*

Às duas da tarde, descalço, descabelado, ia caminhando lento e cabisbaixo aquele homem de baixa estatura, pálido e infeliz. O local era deserto e bem distante da cidade. Não sabia bem como tivera a ideia de pegar o carro logo depois de acordar, já pela metade do dia, e, sem banho, sem café, sem nenhum cuidado pessoal – o que contrariava sobremaneira seus hábitos –, deslocar-se até aquele lugar ermo, deixar o veículo e ficar perambulando feito um vadio, pisando com seus alvos pés, finos demais, a rala vegetação pontilhada aqui e ali de excrementos de gado. O lugar era calmo, e aquele início de tarde levava até ali uma aragem fresca que era impossível, àquela época do ano, encontrar-se na zona urbana. Havia também algum silêncio, apenas quebrado pelo ronco dos motores dos carros que passavam na rodovia, a meio quilômetro dali.

Entretanto, em certo momento ouviu uns risos joviais. Olhou e viu que acabavam de se esconder atrás de arbustos três garotos. Deviam morar em algum casebre ali perto. Penacho percebeu que riam dele e revoltou-se. Chegara a se olhar no espelho pouco antes de sair de casa, mas tal era seu estado de espírito que não lhe ocorrera ao menos ajeitar sua exótica cabeleira; nem na roupa, com a qual dormira, chegou a reparar. Não tinha, portanto, consciência do quanto sua aparência estava lastimável, ridícula. Começou a esbravejar, fazendo gestos obscenos na direção em que desapareceram os moleques.

Que coisa! Não teria paz em lugar nenhum?! Queria estar só, para pensar. Era diretor agora, porra! Chegara a esse alto cargo e não era mais um homem comum. Tinha de botar a cabeça para funcionar. Cabeça essa que, aliás, agora voltava a doer. Não comera nada ao acordar, apenas tomara dois copos d'água e saíra. Tinha bebido demais ontem, comemorando. Que burrice comemorar daquela forma, pensava agora. Enchendo a cara! Por que não chamou os amigos, não abriu um champanha, não brindou com eles, num encontro ameno, alegre mas sóbrio, coisa digna de um diretor? Mas, também, que amigos poderia ele chamar? Na empresa, sem chances; ali nenhum daqueles seres tacanhos tinha gabarito para ser seu amigo, gente mesquinha demais, gente sem berço, cambada de filhos da puta que só sabiam falar de mulher e futebol, bando de seres inferiores. Os amigos de infância, esses não puderam acompanhá-lo pela vida afora, não tiveram fôlego para isso; eram, por isso mesmo, também desprezíveis, tanto quanto os outros. Ficaram por lá, em São Joaquim, enfurnados naquele fim de mundo, correndo atrás de cabritos, pescando lambaris, tomando pinga. Casaram-se todos; têm hoje, em casa, cada um a sua matrona, gorda e semianalfabeta, e uma penca de filhos. E pensam que isso é vida, os idiotas!

Não dava mais pra pensar em nada agora. Aqueles capetinhas lhe tinham tirado toda a concentração. Cambada de sem-mães! E a dor de cabeça só aumentando, aumentando, precisava voltar logo pra casa, tomar mais remédio, mas antes comer algo, não comera nada ainda, naquela desorientação toda. Também, com tanto pesadelo aquela noite, tinha mesmo de acordar esquisito do jeito que acordou. Tinha de sonhar justamente com o Ribeiro! E foi aquela sonhação repetida a noite toda, ou melhor, a manhã toda, pois deitara já muito tarde e só foi acordar no meio do dia. Mas no sonho, que se repetia indefinidamente, o porcaria do Ribeiro era quase que só um olho, um olho cada vez maior a fitá-lo, acusando-o, ameaçando-o. Mas sonho é só sonho, bobagem esquentar a cabeça, porra! Agora, também bebendo do jeito que bebeu, não era pra menos. Os miolos do cara acabam ficando assim meio desorientados, suscetíveis a todo tipo de caraminhola, aceitando essas maluquices, esses pesadelos sem pé nem cabeça. Bebida é coisa ruim

mesmo, coisa do diabo. Tinha de deixar dessa mania. Um diretor não pode ser assim, tem de ficar calmo, cabeça fria, disciplina, muita disciplina agora. Nada de ficar bebendo até tarde da noite e conversando com o idiota do Alfredo, naquela perda de tempo que não o levaria a nada. Precisava, a partir de agora, se voltar inteiramente para o seu projeto — projeto esse que lhe parecera tão exequível ontem, enquanto enchia a cara. Agora, porém, percebia que as coisas não eram bem assim. Isso é que dá ficar muito empolgado. A empolgação tem seu *habitat* nos espíritos comuns e por isso fora um erro imperdoável hospedá-la, ainda que por algumas horas, num espírito superior como o dele. E ainda por cima ganhara aquela terrível ressaca. Que vergonha! Um diretor precisa estar sempre sóbrio, nada de pândegas, nada de perder tempo em lucubrações partilhadas com um gato de nome Alfredo! Isso era ridículo. “Aliás, veja como eu estou ridículo!”, disse ele quando, entrando no carro, se olhou no espelho retrovisor.

Ligou o carro, tentou ajeitar o cabelo, já consciente de seu deplorável estado, e arrancou para casa.



## Capítulo V

**Z**é Flávio não se importava nem um pouco com o fato de o Penacho ter se tornado diretor. Que fosse o Penacho ou o Ribeiro ou José ou Joaquim ou Maria... Não esquentava a cabeça com isso. Foi para casa naquela sexta-feira muito mais preocupado com suas questões domésticas. Tinha passado antes no bar e tomado alguma coisa com o seu amigo Geraldinho. Agora ia devagar com sua *Brasília*, meditando sobre a conversa daquele início de noite, regada a cerveja e acompanhada dos bons petiscos de dona Júlia, proprietária do bar. Quando bebia, pegava a falar pelos cotovelos, reclamando de Deus e do mundo, alugando os pacientes ouvidos do pobre Geraldinho, que, ao vê-lo já alterado, enrubescido, se limitava a acrescentar monossílabos a cada ponto e vírgula percebido ao final de cada conjunto das atropeladas frases que o outro despejava sobre sua tranquila benevolência.

Desta feita até que não bebeu muito, e a conversa correu mais ou menos sóbria:

— Meu filho não gosta de mim, Geraldinho, não sei por quê.

— Quem, o Paulo César?

— Ele mesmo.

— Quê isso, Zé!

— Não gosta mesmo, cara. Ele me vê e já fica todo demudado, some lá pra fora, de cara amarrada. A Lisandra disse que na escola o porcaria não aprende nada. Eu fico preocupado, mas quando quero falar com ele, ele foge, parece que tem medo de mim, pode uma coisa dessas?!

— Mas, vem cá, Zé Flávio, me diz uma coisa: cê bate nele?

— Essa é boa! Claro que bato, mas não adianta. Ele não passa três dias sem tomar uns bons tabefes, mas resolve alguma coisa? Resolve nada, cara. O moleque é um safado, sem vergonha, puxou à família da mãe. Não vale nada, aquela raça! E eu fico puto com esse negócio dos meninos ficarem com muita história com aquele povinho, aquele entra-e-sai sem conta na casa de dona Dirce. Eu já falei com a Lisandra: é a família dela que atrapalha a criação dos meninos. Atrapalha até o nosso casamento, porra. Cê sabe como eu gosto dela, Geraldinho. Mas... não sei não, ela anda muito esquisita comigo, não sei por quê. Acho que tem gente enfiando caraminhola naquela cabeça de vento. E eu desconfio da Tânia.

— A irmã dela?

— É. Ela me olha atravessado há muito tempo, desde o tempo em que eu ainda namorava a Lisandra. Aquilo não presta. Um dia ela ainda consegue virar a cabeça da idiota da minha mulher. Isso, se é que ainda não virou! E a cara de puta que ela tem, cê já reparou?

O Geraldinho escutava com paciência, mas tinha sempre aquela mania de ficar tentando colocar panos quentes, dizendo que ele esquentava a cabeça demais, que era bobagem ficar assim desconfiado, e isso e aquilo. Mas ele, Zé Flávio, é que sabia o que passava, a vidinha difícil que levava. O Geraldinho era solteiro, não tinha filhos, vivia tranquilo, só tinha de cuidar de si mesmo. Casasse e constituísse família pra ver só! Vida de casado não é fácil, não. Você chega em casa, vem a mulher contar que o menino fez isso, que o outro fez aquilo, que é preciso comprar isso, pagar aquilo. E às vezes é um que adoece, outro que caiu e quebrou o braço, que nem aconteceu a semana passada com o Marcelo, o menino do meio. Também, a mãe não olha direito, não toma conta, vai ver que fica é batendo perna à toa de manhã, que é a hora que ela tinha de ficar em casa com os meninos. De tarde, tudo bem, eles vão para a escola, ela vai pro trabalho no salão, mas de manhã ela tinha de ficar em casa com os filhos, ajudar nos deveres de casa, mas isso ela não faz, se fizesse eles não iam tão mal na escola. E se ela estivesse em casa, tomando conta deles, o porcaria do Marcelinho ia subir na goiabeira pra despencar de lá e quebrar o braço? Sabe-se lá o quê que essa mulher anda caçando pela rua enquanto os filhos ficam sozinhos em casa! E o Paulo César cada dia mais esquisito, vai ao médico, ele receita remédio, o menino toma, não adianta nada. Tudo culpa da mãe, que passa muito a mão na cabeça dele, não dá o devido corretivo. Menino criado com muita frescura acaba dando é nisso. E o médico querendo que ela levasse ele no psicólogo, olha só que absurdo! O Paulo César precisa é de couro. Aliás, os três, que os outros dois também já vão pelo mesmo caminho. E Lisandra dizendo que não sai de casa antes do almoço, que fica com eles o tempo todo. Fica nada, não se pode confiar em mulher! Ela mente e ainda faz a cabeça dos porcarias e eles confirmam: “É verdade, pai, a Mãe não sai à toa, não”. Sabe lá Deus o quê que ela anda caçando por aí. Rebolando, com aquelas roupas coladas, parecendo puta. Dentro de casa é aquela santa, mas é só ver homem que fica toda assanhada, cheia de trejeitos, rindo demais. Bicho à toa, viu! Não vale nada! Homem que confia em mulher, que nem o trouxa do Afonso, acaba mesmo é com a cabeça enfeitada. A Creusa é outra santinha do pau oco. Aquela conversinha mansa, muito boazinha, muito cheia de não me toques, mas... Não sei não, viu. O Afonso que não abra o olho não, pra ver só! ...

E, enquanto se dirigia para casa, esse ignóbil ser que atendia pelo nome de Zé Flávio ia deixando crescer dentro de si um monstro que tantas vezes já se manifestara, para infelicidade da mulher e dos filhos. Quando chegou em casa, tinha já a convicção absoluta de que Lisandra era a pior mulher do mundo. Não pairava mais nenhuma dúvida, em seu espírito atormentado, a respeito da desonestidade da pobre esposa.

Abriu a porta da sala e entrou chutando cadeiras e tudo o mais que encontrava em seu caminho. Empurrou o pobre do Claudinho, o caçula, que foi bater com a cabeça na quina da televisão. A mulher surgiu de repente, assustada, foi acudir o pequeno que chorava, mas foi interceptada pelo marido, que, agarrando-a, aplicou-lhe dois tapas violentos, enquanto vociferava: “Vagabunda! Cadela! Ordinária!”

Enquanto Lisandra chorava ao lado do filho, soluçando, humilhada, desamparada, os outros filhos espiavam de longe, temerosos, sem reação diante da truculência do pai. Este, contudo, apenas atirou a pasta sobre a mesa e voltou a sair, batendo com força a porta atrás de si. Ia, sem dúvida, ao bar da esquina, embebedar-se.

Lisandra abraçou-se aos três filhos e continuou chorando. Mil ideias acudiam-lhe ao espírito naquele momento, todas muito sombrias, tudo muito confuso, desconstruído, mas tudo se resumindo em soluções drásticas. Não dava mais, era necessário se livrar do marido. Como? Não sabia. Nenhuma solução satisfatória, infalível lhe ocorria num momento assim de tamanha perturbação.

No entanto, era provável que Zé Flávio não voltasse cedo aquela noite. Teria, pois, tempo para pensar. Foi se acalmando; ergueu-se, beijou e acariciou os filhos, consolando-os em silêncio. Depois pediu-lhes que fossem para a cama. Em seguida foi para o banheiro e tomou um banho demorado, misturando-se a água morna com suas lágrimas que brotavam incessantes. Depois, verificando que os filhos já haviam adormecido, ligou para a amiga Creusa, mas esta, contrariando sua expectativa, tinha nessa noite o marido em casa. Pelo constrangimento mal disfarçado da voz de Creusa, Lisandra percebera que Afonso estava com a esposa e resolveu abreviar a conversa, dizendo que ligara só para um boa-noite. É claro que a Creusa não passou despercebido o sofrimento da amiga, mas era melhor que conversassem depois. Fez-lhe esta promessa com aparente displicência, pois Afonso estava ao seu lado e era necessário não introduzir nenhum elemento negativo naquela rara sexta-feira em que o marido se dispunha a fazer-lhe companhia.

Lisandra, como faria também Creusa na noite seguinte, foi chorar sozinha na cama, impotente, inconsolável, enquanto esperava a chegada do marido embriagado. Ele chegaria, com toda certeza, mais bêbado do que saíra, e sua atitude ela não podia prever.

Não raro, contudo, acontecia chegar ele tão bêbado que se jogava na cama de roupa e tudo e caía logo em profundo sono; e seus roncos, nessas ocasiões, muito sonoros, chegavam a ser um alívio para a pobre mulher, que, mesmo impossibilitada de dormir, preferia passar a noite em claro a suportar, no meio da madrugada, as grosserias do marido tonto. Mas outras vezes houve em que, mal entrando em casa, cambaleando, tropeçando, praguejando, ele se dirigia para o quarto chutando portas, puxava a mulher pelos braços, arrancando-a da cama e enxotando-a do quarto aos empurrões.

Durante algum tempo esteve então Lisandra naquela angustiada expectativa, enquanto em sua cabeça os pensamentos fervilhavam, numa busca frenética da solução que não lhe acudia. Não pudera falar com Creusa, a amiga com quem sempre dividia as suas aflições. Quem sabe, quando se encontrassem, trocando ideias, não se deparariam com uma saída que agora não se vislumbrava em meio às tão assombrosas nuvens de pensamentos que rondavam sua mente aflita?

Felizmente, Zé Flávio naquela noite não saía para beber. Ou melhor, resolvera, a poucos metros do bar, mudar a rota e procurar dona Judite, a cartomante. Não acreditava muito “nessas coisas”, mas, não sabia por quê, de repente tivera a ideia de dar uma chegadinha até a casa da velha para conferir. Dona Judite, bocejando, veio atendê-lo dizendo que não costumava atender ninguém à noite, mas, ante a insistência de Zé Flávio, e percebendo-lhe a aflição, resolveu consultar as cartas.

A velha se arrastou sem pressa até um quatinho escuro, fazendo-se acompanhar pelo novo cliente, que se acomodou numa cadeira rústica junto à mesa em que já se encontravam as cartas. Uma vela então foi acesa ali. Dona Judite se sentou, fechou os olhos e se pôs a rezar baixinho, quase em silêncio, apenas perceptíveis os movimentos dos lábios. Depois, embaralhando as cartas e pedindo ao cliente que as cortasse em três pequenos montes, pôs-se a interpretar suas mensagens. Zé Flávio, cético, mas com aquela expectativa que os espíritos aflitos acabam adotando em tais ocasiões, não disse nada, apenas se pôs a ouvir a velha. De quase tudo que ouviu extraiu mais dúvidas do que certezas, mas, ao final, dona Judite disse algo que o perturbou. Falou de Lisandra e revelou os sofrimentos desta, dizendo-lhe com toda a seriedade e franqueza que suas suspeitas em relação à esposa eram injustas e ofensivas à sua honra e dignidade.

— Mas eu não suspeito de minha mulher! – defendeu-se o assustado Zé Flávio.

— As cartas estão dizendo que sim, meu filho – respondeu secamente dona Judite.

— Mas...

— O senhor precisa deixar sua mulher em paz, moço. Não bata mais nela!

— Quem disse que eu...

— As cartas. E agora basta, rapaz. Estou cansada e quero dormir.

— Mas, dona Judite...

— Vai pra casa, moço. E vê se toma juízo.

Foi assim, pois, que Zé Flávio tomou o caminho de volta para casa, muito antes do que Lisandra esperava, e, ao chegar, dirigiu-se calmamente para o quarto, entrou em silêncio para não perturbar o suposto sono da mulher, trocou de roupa, substituiu os sapatos pelo par de chinelos e foi para a sala onde se postou diante da TV.

Minutos depois, deixou a sala, foi para a janela e ali ficou, por mais de uma hora, pensativo, meditando sobre o que dissera a cartomante. “Como é que aquela velha pode ver tudo isso nas cartas? É muito doido isso! Tem coisa que ela diz que parece até chute, mas outras... Não sei... Não sei. Se a Lisandra é mesmo essa santa que dona Judite falou, então eu sou o quê? Um monstro, porra, um monstro! Por outro lado, se não for assim, se ela não é digna de minha confiança e eu acreditar na velha, então eu sou um otário! Não sei... Que confusão na minha cabeça! E aquela história de macumba, de coisa feita, de mau olhado, sei lá o que mais que a velha falou. Isso é bobagem, não acredito em nada disso. Vê só! Ela falar que antes do meu casamento alguém já tinha feito coisa pra não dar certo, pra ter sempre problema em casa, com a mulher, com os meninos. E o pior é que eu nem falei do problema do Paulo César, e a diaba parece que leu tudo na minha cabeça, como se fotografasse meus miolos. Como é que ela podia ver isso nas cartas? Vai ver, essa velha tem é parte com o demônio...”

E o atribulado Zé Flávio não sabia assentar as ideias. Saiu da janela, foi lá dentro, preparou uma bebida e foi se sentar de novo na sala. Não tinha sono. Bebericava muito devagar, o olhar distante; no rosto a expressão perplexa e tristonha.

Por volta da meia-noite decidiu ir deitar-se. Ficou ali até as duas horas, ao lado da mulher, que, aliviada pela sua inesperada atitude pacífica, conseguira adormecer. Mas o sono para ele não vinha. Ergueu-se, pois, e voltou para a sala, tendo antes preparado outro drinque.

Sentado no sofá, ali se deixou estar, perplexo, irresoluto, esquecido quase até mesmo da bebida, que ele sorvia em diminutos goles e a longos intervalos. Às cinco da manhã ainda estava assim, sentado na mesma posição, e nada se esclarecia em sua mente atormentada; nenhuma certeza acudia para pacificá-lo e por isso não tinha sono.

Em breve nasceria o sol. Resolveu, então, trocar a roupa e dar uma volta. Foi ao quarto, e Lisandra acordou com o ruído involuntário que ele provocou enquanto se vestia e calçava tênis. Em seguida, saiu.

Passou o dia todo fora. A exemplo de Penacho, mas por motivos tão diferentes, ele também procurou um lugar tranquilo; queria que as suas ideias se organizassem, cada uma se acomodando no cérebro como notas musicais colocadas na pauta, pois sua cabeça era mais que desarmonia, era uma bagunça, um caos.

## Capítulo VI

**D**evia ser novembro. Naquele início de tarde o sol despejava impiedoso sobre tudo e todos os seus dardos de fogo. Marlene descia a ladeira esburacada e ladeada de rala vegetação, levando à cabeça, sobre uma rodilha de pano, uma grande bacia cheia de roupas que lá embaixo, na bica, junto às demais lavadeiras, iria ensaboar, esfregar, bater, corar, enxaguar... Era a única solteira e tinha não mais que dezessete anos. Vivia só com os pais. Seu Geraldo aposentara-se por invalidez e dona Penha não saía mais da cama, vítima de um derrame que a paralisara quase por completo.

O chato do Jeremias estava sempre a importuná-la, havia uns dois anos. Semanas a fio o malandro, que não trabalhava nunca, esperara a bela morena, que, dia sim, dia não, descia a ladeira com sua bacia de roupas.

Marlene não nutria nenhuma admiração por Jeremias; porém, achava sua vidinha tão insípida que, naquela tarde, vencida pelo cansaço e o tédio, aceitou sua proposta de namoro.

Um ano, dois anos e... Era feio e antipático o tal do Jeremias. Foi difícil para Marlene explicar a si mesma, como, aos dezenove anos, aceitou casar-se com ele, após um namoro esquisitíssimo, que consistia em duas ou três palavras trocadas na frente de seu Geraldo e mais duas ou três à beira da cama de dona Penha. O mais era silêncio e falta de graça, o que deve ter contribuído para apressar o casamento.

\*\*\*

Pois bem. Marlene era agora, três décadas depois, a última cliente daquele movimentado início de semana no salão de Creusa e Lisandra. Conquistara, ao longo dos últimos dois anos, a simpatia das duas amigas. Tinha um olhar penetrante e sério que dava a impressão de estar sempre desconfiando do que lhe diziam. Mas, com muita frequência, compensava essa impressão com um sorriso simpático e até mesmo envolvente. Havia, é verdade, algo de sinistro naquele olhar. Mas logo, logo isso deixou de ser notado pelas amigas cabeleireiras; é comum a convivência ir borrifando tintas cada vez mais suaves ao colorido mais carregado das primeiras impressões; ou, por outra, a convivência pode, também, fazer com que se descubram aos poucos nuances mais favoráveis aos olhos que vão se acostumando com a penumbra inicial.

Sofrera muito antes e depois do casamento de tantos anos com Jeremias. Ele era um homem seco em todos os sentidos. A fala seca, o corpo seco, os olhos secos, o coração seco. Agora que os filhos já haviam crescido, indo cada um para um lado, Marlene enfim podia relaxar um pouco. Montara, em sociedade com dona Mirtes, viúva de um seu Joaquim, uma fabriqueta de salgados e doces. Distribuía seus produtos no comércio e também atendia a encomendas para festas. Conseguira, após anos de paciente trabalho, uma clientela modesta mas cativa, o que lhe permitia ir levando sua vidinha sem maiores preocupações, após a independência financeira dos filhos. Mas antes, logo depois de separada, era aquela luta para criar os três pirralhos, uma menina e dois meninos. O mais velho tinha quatorze anos quando o canalha do Jeremias resolveu se mandar com aquela sem-vergonha da Imaculada. Ele não tinha emprego fixo, vivia comprando e vendendo carros usados, um trambiqueiro de marca maior.

Pensão? Essa é boa! Que pensão o quê, gente, pois se o porcaria conseguia até provar que comia às custas da outra! Nos negócios, dava sempre um jeito de trocar um carro por outro que ele, espertamente, avaliava como mais barato, para receber uma diferença em dinheiro. Só que, combinando tudo com os otários com quem negociava, oferecia uma quantia irrisória em troca de um recibo falsificado no qual constava que ele, Jeremias, havia pago – e não recebido – uma diferença em dinheiro para fazer a troca. Assim, ele sempre conseguia comprovar que seus negócios davam prejuízo ao invés de lucro. Ficava livre de pagar a pensão, o pilantra. Também, a Marlene nunca tentou brigar na Justiça para conseguir alguma coisa dele. Lutou demais, coitada. Trabalhava doze horas por dia para alimentar e educar os meninos. Mas cresceram; agora todos estavam casados.

— Você nunca pensou em casar de novo, Marlene?

— Que nada, Creusa, não quero mais saber de homem, não.

— Quê isso, menina! Quem sabe um amor temporão não é o que vai te trazer felicidade...

— Amor temporão! Essa é boa. Olha só pra minha bunda, e essas pelancas, e esses...

— Nada disso, Marlene. Tem muito coroa por aí que procura exatamente o que você tem e as garotinhas não: serenidade, honestidade, experiência, segurança, um monte de coisa, ora! Sem contar que você ainda tem tudo em cima. Que pelanca o quê! ...

Conversas desse tipo entre as três já vinham ocorrendo com frequência havia muito tempo. E naquele final de tarde, sendo a salgadeira a última cliente, Creusa e Lisandra se aproveitaram para, desta feita, falarem de seus próprios dramas, tomando a outra como depositária de seus segredos pela primeira vez revelados a uma terceira ouvinte.



— Eu, se fosse você, Lisandra, separava. Aceitar desaforo de homem já é demais, imagine então apanhar! Isso é maluquice...

— Você diz isso porque não tem mais marido, Marlene. Quando tinha...

— Jeremias nunca me bateu nem foi grosso comigo.

— Mas traiu e era malandro.

Creusa ouvia as duas e pensava em seu drama. Traição. Essa era a palavra que dançava em sua mente, uma dança silenciosa e perturbadora do sono.

— Acho que pior do que apanhar é ser traída, e pior do que ser traída é desconfiar disso. A desconfiança enfia suas garras no coração da gente e vai rasgando devagarinho, sem a gente poder fazer nada, a não ser que...

— A não ser o quê, Creusa?

— Uai, a não ser que a gente tenha como confirmar as suspeitas...

— Peraí, gente! — acudiu de súbito a salgadeira. Tive uma ideia.

— Já sei, um detetive — disse Creusa, sem nenhum entusiasmo. Mas quem? Não conheço nenhum. Também não gosto muito desse tipo de coisa.

— Eu posso ajeitar isso — tornou Marlene. Conheço uma pessoa que por um chope desmascara o safado.

— Algum amigo?

— Não: amiga. Aliás, a minha melhor amiga.

— Quem?

— Eu mesma, uai.

\*\*\*

Marlene conhecia Afonso apenas de vista. Ele, nem assim a conhecia. Passou a segui-lo de carro, diariamente, a partir das seis da tarde, quando ele saía do trabalho.

O resultado da primeira semana de investigações foi praticamente nulo. Nas três vezes em que Afonso não se dirigiu direto para casa, Marlene constatou um fato que a deixou a um tempo frustrada e satisfeita: ele passava num barzinho discreto, onde se tocava música suave, e ali se deixava ficar, pensativo, o olhar perdido, bebericando vagaroso uma dose de uísque e mordiscando sem vontade um petisco. Absolutamente só. Ali ficava cerca de duas horas; em seguida pagava a conta, se levantava e rumava para casa, sem abandonar aquele seu ar distraído.

Por telefone, a salgadeira relatava tudo a Creusa, antes que Afonso chegasse em casa. Quando ele chegava, a mulher o recebia solícita e carinhosa, não questionava seu ar sorumbático, e o observava atenta, na esperança de penetrar um pouquinho que fosse naquela espessa névoa de mistério que o envolvia.

— Então, nada de mulher, Marlene? — insistia Creusa ao telefone, após o relatório da amiga.

— Por enquanto, nada, Creusa. Mas é cedo para concluir alguma coisa. Vou continuar investigando. Deixa comigo, que eu sou boa nisso.

Nas três semanas seguintes, a novidade foram dois ou três telefonemas que Afonso deu, de um telefone público, mas que infelizmente Marlene não pôde descobrir para quem. Em duas sextas-feiras ela também seguiu o carro de Afonso até a porta do *Uísque Zito*, onde ele bebeu com Mauro e Zé Carlos. Ainda assim, nada de mulheres. Na segunda vez, ela se aproximou e ousou sentar-se sozinha numa das mesas, onde pediu refrigerante e ficou bebendo devagarinho, fingindo distração, enquanto tentava ouvir a conversa dos três. Só falaram da empresa, de política e de futebol. Mas ela viu Afonso sendo questionado pelos amigos a respeito de seu jeito pensativo.

— Não é nada, gente... — ele respondia, muito reticente, e, claro, não convencia os colegas.

“Então eles também não sabem de nada” — pensou Marlene. E ficou ainda mais intrigada. Que tão grave segredo Afonso ocultava que nem os amigos podiam saber?

Coincidentemente, Afonso decidira afastar-se o máximo possível da Teresa. Se tinha um filho com ela, mandaria o dinheiro, sim, mas nada de ficar indo lá, correndo o risco de ter seu segredo descoberto pela Creusa. E também era melhor que o menino não se acostumasse com ele; senão, como é que ia ser?

— Não sou seu marido, Teresa. Enfia isso na cabeça e vê se me deixa em paz, porra! Tenho um filho com você, só isso. Você sabia que eu era casado...

— Mas o menino não tem culpa e tem o direito de ver você...

— Nada disso! Você é que vai criar o Filipe. Eu só dou algum dinheiro, enquanto puder...

\*\*\*

Uma tarde, Marlene teve um encontro fortuito com uma antiga colega de trabalho, no centro da cidade. Haviām trabalhado juntas, coisa de quinze anos atrás, e se davam muito bem, foram até confidentes. Infelizmente o tempo e a distância... Essa ex-colega de trabalho morava em Lagoa Santa e se chamava Teresa...

— Vai lá em casa um dia desses, Marlene.

— Vou sim, deixa eu anotar seu endereço.

— E você já casou, Teresa?

— Nada, não quis saber disso, não. Mas tenho um filhinho, uma gracinha, você precisa ver...

— É? E o pai dele, vive com você?

— Vive nada, é um caso enrolado, depois eu te conto. Vai lá em casa. Liga pra mim.

Trocaram números de telefones e se despediram. A salgadeira ficou muito satisfeita por ter revisto a antiga colega, mas quanto a ir visitá-la... “É difícil, ia dizendo para si mesma, o tempo acaba distanciando a gente. Talvez um dia desses, quem sabe... E, também, não existe esse negócio de reencontro depois de tantos anos. O tempo é outro, as pessoas são outras, o que resta é só memória. Na verdade, hoje uma *outra* Marlene se encontrou com uma *outra* Teresa, só isso...”

\*\*\*

Marlene continuava seguindo Afonso. Nenhuma novidade, até que ela recebeu de Creusa aquele telefonema num sábado à tarde. Ela falava quase sussurrando ao telefone:

— Marlene, ele vai sair; está tomando banho e não quer muito papo. Está esquisito. Será que você pode...

— Claro, tô indo agora. Vou ficar nos calcanhares dele, deixa comigo!

\*\*\*

O trânsito estava horrível aquela tarde. Foi um custo atravessar a cidade sem perder de vista o carro de Afonso, que às vezes se confundia com os outros veículos. Mas, enfim, entraram numa ruazinha tranquila e ele estacionou diante daquela casa velha, em cuja frente se estendia enorme varanda da qual pendiam samambaias e gaiolas de pássaros. Estavam em Lagoa Santa. Ela o viu abrindo o portão, pisando tranquilo os degraus e chegando até a porta. Alguém o recebeu e ele entrou meio cabisbaixo, fechando a porta atrás de si. Marlene, sem sair do carro, esperou paciente, mas não viu mais nada.

Anotou, porém, o endereço e... “Epa! Espera um pouco, parece que... Isso mesmo, aqui está: é o endereço da Teresa!” — concluiu espantada, após conferir no pedacinho de papel, que guardara na carteira, o endereço da antiga colega.

## Capítulo VII

**P**assado algum tempo após aquela consulta que Zé Flávio fizera com dona Judite, ele voltou aos poucos a importunar sua pobre mulher. Seu espírito doentio acolhia as mais descabidas suspeitas. E as ideias esquisitas recrudesciam enquanto seguia para casa. Sempre bebia com Geraldinho, que, com muito tato, chegou um dia a aconselhá-lo: “Vai pra casa, Zé; bebida demais não é bom, você fica alterado, pega a imaginar besteira, chega em casa e briga com a Lisandra...” Mas ele queria desabafar. “Demorou” mais duas ou três cervejas, antes de seguir o conselho do amigo. Prometeu a este que, chegando em casa, não iria bulir com Lisandra.

Só promessa. A caminho de casa, os miolos fervilhando, foi-se hospedando de novo em seu espírito o germe da desconfiança. Durante o trajeto, que não durou mais que quinze minutos, Lisandra foi adquirindo, na sórdida imaginação de Zé Flávio, adjetivos cada vez mais ultrajantes. Logo que entrou em casa, ele encontrou pretextos para desencadear uma discussão. Como era comum nessas ocasiões, tudo começou com pequenas implicâncias — um móvel fora do lugar, o volume do rádio, uma vassoura no meio da sala, um copo esquecido sobre a mesa — e culminou, logo, logo, com os mais abjetos insultos. Felizmente, não houve, nessa noite, agressões físicas.

Mas as humilhações foram se sucedendo cada vez com maior frequência. Lisandra se desesperava. As amigas desejavam prestar-lhe auxílio, porém não sabiam como. O único conselho que ofereciam — largar o marido e fugir com os filhos — ela julgava impraticável. “Como, gente! Esse homem é louco, se eu fizer isso, ele me persegue e me mata!”

Havia muito tempo que vinha dormindo mal. Os pesadelos não a deixavam em paz.

Certa manhã, ao despertar, olhou para o lado e se pôs a observar o marido, que ainda dormia. Era domingo; ele roncara toda a noite, enquanto ela rolara na cama entre um pesadelo e outro. Como ela o odiava! Como pôde um dia estar apaixonada por um ser tão vil! Como ainda conseguia entregar-se a ele, curvar-se às instâncias de seus anseios egoístas, suportar sua insensibilidade, seus maus odores, que lhe davam engulhos? Morrer não seria melhor que viver ao lado daquele animal?

Mas havia os meninos. Não, ela tinha de continuar lutando. A fuga não era a solução.

E se ele morresse?! Esta ideia assaltou-a por um instante, mas foi logo rechaçada. “Nem pensar! Cada coisa absurda que às vezes a gente pensa!”

Ergueu-se quase resignada e se dirigiu ao banheiro. Após demorado banho, foi à cozinha, fez o café, acordou os meninos e os acompanhou naquela primeira refeição do dia, sem a presença de Zé Flávio.

“E se ele morresse?” A drástica solução se apresentava de novo em sua mente. “Não, isso não!” — reagiu ela em pensamento.

“Não! Não! Não!” — repetiu em voz alta, e os filhos se voltaram para ela, intrigados.

Mais tarde, a sós com ela, Paulo César quis saber o que afligia a mãe.

— Nada, filho, tá tudo bem.

— Mas você tava esquisita de manhã. Até falou sozinha... E fica triste todo dia, e Papai também.

— Não é nada, não, Paulo César, é só preocupação boba, coisa que passa.

\*\*\*

Passou-se aquele domingo, veio outra semana, e outra e outra. E Lisandra esperava, esperava, esperava... Esperava o quê? Nem ela sabia.

Emagrecia, os cabelos se tornavam opacos, assim como os olhos, a pele. Dormia mal, os pesadelos se multiplicavam, tornara-se anoréxica. Distraía-se com frequência, esquecendo no fogo as panelas. No salão, executava mecanicamente o seu trabalho. Perdia-se em devaneios enquanto manejava a tesoura, a escova, o secador. Não prestava, como antes, atenção ao blá-blá-blá e ao tititi das clientes.

Mas, passado um tempo, começou a notar que alguma mudança se operava em Zé Flávio. Ele tornava-se mais triste e calado. Também já não a maltratava tanto. Sua irritação reduzira-se a muxoxos. Porém chegava em casa cada vez mais tarde, já não se barbeava com a mesma frequência, quase não tomava banho e às vezes faltava ao trabalho. Também emagrecera. Quando estava em casa, permanecia quase todo o tempo em silêncio. Com os filhos, era lacônico, frio, distante.

E fedia; fedia cada vez mais, e por isso Lisandra não sofria menos. Além disso, o salário que recebia era pouco, devido às faltas ao trabalho. Em casa o dinheiro era cada vez mais escasso e as dívidas se acumulavam. O que a mulher ganhava no salão era insuficiente.

Certa vez, ao chegar em casa, ele sentou-se, apoiou a testa com as mãos e assim permaneceu algum tempo. Depois olhou desolado para Lisandra e declarou: “Recebi o pagamento, mas não sobrou nada: tive de pagar umas dívidas.”

Lisandra ousou questioná-lo, tão chocada ficara:

— Dívidas? Mas que dívida pode ser mais importante do que comida na mesa?  
Foi o bastante para acordar nele o monstro recém-adormecido.  
— Cala a boca, cadela!  
E a esbofeteou.

\*\*\*

Na manhã seguinte, dona Judite recebeu Lisandra para uma consulta:

— É jogo, filha; ele está viciado em jogo.  
— E o quê que eu faço, dona Judite?  
— Separa dele, uai. Ele vai entregar tudo no jogo.  
— Mas ele não aceita a separação...  
— Encontra um jeito. Eu não posso ajudar nisso.

Lisandra ficou calada. Nem desejava fazer outras perguntas. Estava desolada. Dona Judite no entanto ainda disse:

— Tem mais uma coisinha: há outro homem se aproximando.  
— Como, dona Judite?! Outro homem? Mas que homem é esse?  
— Já está bem próximo.

Lisandra não quis insistir. Também, sabia que seria inútil. “Dona Judite nunca diz tudo” — pensou, enquanto se despedia.

Deixou a casa da cartomante e caminhou desalentada para casa. Zé Flávio então jogava. Era por isso que o dinheiro desaparecia. E ainda perdia noites de sono, faltava ao trabalho... Logo, logo estaria desempregado. E ela pensando que ele tinha outra. Quem lhe dera. Seria uma bênção! Se o paspalho pelo menos se envolvesse com outra, se apaixonasse, decidisse deixar Lisandra em paz... Aí, sim, talvez ele aceitasse até a separação, terminando com aquele inferno. Mas não: o crápula estava viciado em jogo e ia pôr tudo a perder, as crianças estariam em breve sem roupas, sem calçados, sem remédios, até sem comida, caso ela não deixasse de pagar algumas contas básicas como luz, telefone, talvez até o aluguel.

“E se ele morresse?” — sugeria-lhe de novo o demônio, de um ponto escuro de seu ser.

— Mas que homem é esse que dona Judite está vendo, gente! — disse mais tarde à amiga Creusa.

— É você quem deve descobrir — respondeu a outra, e havia nela certo ar de malícia mesclada de apreensão.

No entanto, pouco depois a própria Lisandra se lembrou de um Alberto, lojista que se estabelecera havia alguns dias na mesma rua do salão. Mas por que pensava logo nele? — ela se indagava.

De fato, aquele Alberto abria a sua lojinha bem em frente ao salão. Engraçado: tinha até uma conversa agradável, quando atendia Lisandra e Creusa em seu estabelecimento. Mas olhava para Lisandra com um jeito esquisito, um olhar de raio x, que lhe atravessava a roupa, desnudava-lhe o belo corpo.

Das primeiras vezes, ela sentia certa aversão:

— Esse cara tem um jeito muito estranho de olhar pra gente, Creusa.

— Estranho como?

— Sei lá... Eu sinto um trem ruim quando ele me olha. Não fui com a cara dele, não. Tem cara de bandido.

— Pra mim, ele tem cara é de tarado.

— Será? ...

Mas, com o tempo, aquele olhar “de bandido” passou a importuná-la até mesmo longe dali, em suas solitárias madrugadas, quando a tão frequente insônia acolhia, em meio a tanto pensamento desencontrado, os olhos cor de cinza de Alberto. Enquanto Zé Flávio, longe dali, rolava os dados nas mesas de jogo, ela rolava na cama, entre dívidas e dúvidas, anseios e apreensões. O que fazer da vida, meu Deus! E o desprezo que agora nutria pelo marido era maior que o medo, e um desejo também nascia, ou renascia, forte, maior que os escrúpulos que durante anos a sufocaram. Por trás daquela insônia havia agora um ardor, um corpo sadio cujas necessidades não podiam mais ser ignoradas. E, se os pensamentos perambulavam, ainda, pelas trilhas nebulosas de suas aflições, no meio deles se intrometia o olhar insistente do lojista.

Marlene, que tudo via, percebeu a mudança em Lisandra; tratou logo de saber quem era o homem, pois sabia não ser outra a razão por que tinha ela agora o olhar assim tão distante e um jeito diferente de mexer nos cabelos, de mover o corpo... — enfim, esses sinais que anunciam aos olhares atentos a presença de novidades no coração.

As faces de Lisandra se fizeram muito rubras quando a outra, espetando-lhe os penetrantes olhos, indagou-lhe à queima-roupa:

— Quem é ele?

— Ele quem?!

— Deixa de onda, mulher!

— Ninguém, ora!

Ante o extremo constrangimento que Lisandra demonstrava sentir, Marlene não insistiu. Creusa, que se encontrava também ali, mais discreta, guardou silêncio. Mas, a partir daí, lembrando-se do lojista, começou a fazer conjeturas que Lisandra logo acabaria por confirmar.

Entre as três amigas, nenhum segredo podia perpetuar-se. Marlene não tardou também a ter a confirmação de que Alberto era o responsável por aquele alento acrescentado aos esmorecidos dias de Lisandra. A salgadeira passou logo a prestar atenção ao tal de Alberto. Fez questão de ir até a loja, comprou lá alguma bobaginha, olhou isso e aquilo, e no mesmo dia foi dizer às amigas que aquele homem não prestava.



## Capítulo VIII

O amor é o maior, talvez o único instrumento verdadeiramente revolucionário. Veja o que aconteceu com o nosso Penacho, aquele baixinho enfatuado que se tornara diretor da empresa e que, entre um gole e outro, ia compartilhando com seu gato os seus ambiciosos planos. Insatisfeito com os serviços da bela Flavinha, fê-la transferir-se para a Seção de Patrimônio, aquele cantinho sem graça que existe lá no quarto andar. Em seu lugar, admitiu Sofia, uma quarentona charmosa e competente, sisuda e altiva, mãe de dois adolescentes.

Aquelas ideias que ele tão fervorosamente expusera ao paciente Alfredo e que, durante meses, tentou organizar num projeto coeso e convincente para apresentar aos chefes lá na sede da empresa, agora já não eram o tema diário de seus monólogos diante do charmoso felino. Falou delas ainda uma vez, mas à guisa de introdução àquele assunto que então passaria a monopolizar seus pensamentos e seus solilóquios regados a vinho.

— Alfredo, estive pensando, Sofia tem razão: aquelas minhas ideias são muito radicais e dificilmente seriam adotadas pelo pessoal lá da sede. E eu ainda correria o risco de perder o meu prestígio. Sabe, Alfredo, essa moça, a Sofia, é muito inteligente, ela é muito, muito... — Hesitou, sentindo-se inibido diante dos olhos atentos do gato, mas, virando-se de costas e baixando a voz, concluiu: — Ela é muito bonita!

E não é que o ridículo do Penacho acabou surpreendendo muita gente, enrabichando-se com a nova secretária! Muito desajeitado no início, aos poucos se sentiu mais confiante; desviava as suas conversas com Sofia, dos assuntos de trabalho para outros mais pessoais. Ela também ajudava. Muito esperta e perspicaz, percebeu logo o perfil do solitário diretor, a sua extrema carência afetiva, mal disfarçada sob a máscara de durão que exibia. Foi fácil a ela enxergar por trás de tanta fatuidade a criança frágil e necessitada de colo. E ele era o diretor, tinha poder de diretor, tinha conta bancária de diretor; não tinha herdeiros, já que era filho único e seus pais já haviam falecido em São Joaquim, sua terra. Penacho, ou melhor, o Dr. Figueira — que logo, logo ela chamaria de “Meu Tiãozinho” — era sem dúvida um bom partido, pensava ela.

Durante mais de cinco meses o namoro dos dois não passou, contudo, de uns beijinhos e abraços, entre o restaurante e o portão da casa dela, na Sagrada Família. “Não quero passar a noite com você, por causa dos meninos, Tiãozinho. Eles são adolescentes, você sabe, né...”

“O jeito é casar” — pensava Penacho, caindo fácil na arapuca que ela lhe preparara.

Certa noite, tomavam vinho num restaurante, e os olhos dela, e a boca, e o perfume, e o jeito de abraçar, e a voz açucarada... Ela toda era uma espécie de súplica, como se lhe dissesse: “Me peça em casamento!”

Penacho já se sentia tomado pelo doce enlevo do vinho dominando-lhe os miolos. E ela, cada vez mais açucarada. De súbito, ele pensou: “Vou pedir esta mulher em casamento!” Mas logo considerou, com os sobejos de sobriedade, que precisava, antes, ter uma casa — aquele apartamentinho à-toa em que morava só dava pra ele e Alfredo, porra! Resolveu, pois, adiar o pedido.

Foi para casa aquela noite disposto a mexer nas suas aplicações. Até a sua sovinice estava sendo derruída pelos encantos da charmosa secretária. Ia comprar uma casa, mudava-se no mês seguinte e pedia a Sofia em casamento.

“Desde que vim de São Joaquim, eu guardo quase tudo que ganho. Mas agora chega, Alfredo. Estive falando sobre isso com a Sofia. Ela acha que a gente deve viver o presente, parar com esta mania de guardar tudo para amanhã, principalmente as coisas boas. Sabe, Alfredo, essa moça é muito interessante, ela me entende como ninguém. Ela é diferente, sabe, não tem nada que ver com aquela turminha tacanha lá da empresa...”

E era incrível como as coisas boas, nessa época, se despejavam sobre o nosso exótico Penacho. Pois o porcaria não acabou ganhando na loteria?! E sozinho, coisa de milhões, numa dessas loterias do governo. “Ricos, Alfredo, ficamos ricos!”

Comprou muitas propriedades, colocou nelas administradores e caseiros; comprou gado a rodo, máquinas agrícolas e o diabo; adquiriu aquela casa chique no Mangabeiras. Pronto: agora era só fazer o pedido de casamento.

Dois meses depois, numa tarde chuvosa de sexta-feira, casaram-se, voando em seguida para a Lua de Mel em Paris. Após dez dias, regressando, o casal inaugurava a mansão do Mangabeiras, em companhia de Maurício, 17 anos, e Rodrigo, de 15, ambos filhos de Sofia.

Nos primeiros meses de casamento, como era de se esperar, tudo corria bem. Os meninos se divertiam um pouco com o jeito exótico de Penacho, os quatro saíam juntos, viajavam nos finais de semana, iam ao teatro, frequentavam animadas reuniões promovidas pelos amigos da família. Alfredo é que ficava esquecido, o que aliás não parecia incomodá-lo nem um pouco, sempre em sua indiferença soberba e felina.

Mas as cores pouco nítidas que ornavam aquele casamento foram pouco a pouco se tornando cada dia mais apagadas. Penacho, sempre apaixonado, mas um fracasso na cama. Aliás, era um tipo muito estranho de paixão o que sentia, ou pensava sentir, pela mulher. Deitava-se constrangido ao lado dela, sempre com aquele pijama ridículo, e se

vexava quando ela se desnudava diante dele. Jamais se tornara um adulto de fato; buscara em Sofia a mãe com cuja perda jamais se conformara. Praticava então aquele sexo feijão-com-arroz, e cada vez em dias mais espaçados. E seu desempenho era como uma gota de chuva se perdendo sobre um mar de luxúria e desejo que se agitava em Sofia. Desejo não propriamente inspirado na pobre figura do marido, mas ainda assim poderoso desejo. Ela ardia diariamente, sentindo uma necessidade incontrolável de realizar-se. Suas fantasias, sempre inspiradas em diversas figuras masculinas, entre as quais não se incluía a de Penacho, foram com o tempo dominando-a de tal modo que já se masturbava tranquilamente ao lado dele, que fingia dormir. E a cada noite elegia, aleatoriamente, um colega de trabalho ou um vizinho para protagonizar as coloridas cenas de amor que, de olhos fechados e entre gemidos, sua mente febril construía a caminho do gozo. Às vezes, para variar, até mesmo Alberto, o ex-marido, que ela também jamais amara, era convocado para aquele papel. Penacho, encolhidinho ao seu lado, vexava-se, ou até mesmo horrorizava-se, presenciando passivo o desvario lúbrico daquela estranha mulher, fêmea em perene cio, cujos gemidos pareciam escarnecer de sua insignificante existência.

Os meninos percebiam aquela comédia em que se tornara tão depressa o casamento da mãe. Maurício se divertia, Rodrigo lamentava. Quando saíam os quatro, o que ia se tornando cada vez mais raro, o caçula sentia grande desgosto ao perceber que os olhos da mãe estavam sempre inquietos à procura de outros olhares, o que ela mal disfarçava. Sentia pena do simplório padrasto, que em sua ingenuidade não percebia nada. Maurício limitava-se a sorrir com ar zombeteiro, balançando levemente a cabeça, como se não cresse no que presenciava.

Certa tarde, à saída do colégio, os filhos de Sofia falavam sobre o casamento da mãe:

— Cara, a Mãe vai limpar esse coroa, que nem ela fez com o babaca do Alberto...

— E você acha isso engraçado, Maurício? — censurou Rodrigo, o caçula.

— Claro, porra! Um trouxa desses tem mais é que se ferrar!

— Não acho que tem de ser assim.

— Você nem parece meu irmão!

— Talvez não seja mesmo. Não pareço um filho da puta...

A frase de Rodrigo foi interrompida por violento soco que o atingiu de cheio no rosto.

— Engole o que disse! Nossa mãe não é puta, não!

— É puta, sim! — gritava o caçula, e o outro fazia descer-lhe outro soco, e mais outro e mais outro...

— Engole!

— É puta!

— Engole!

— É puta! É puta! É puta! ... — repetia o obstinado Rodrigo, apesar de ter o rosto já coberto de sangue.

Na rua deserta ninguém surgiu para separar os dois. Rodrigo parecia não se importar com as pancadas que tomava de Maurício. Repetia incansável: É puta, é puta, é puta... Tentava revidar as agressões, mas era bem mais fraco que o irmão e tinha as vistas escurecidas devido às pancadas. No entanto, numa de suas quedas sua mão pousou justo sobre um pedaço de barra de ferro, sobra de alguma construção. Ergueu-se girando o corpo e atingiu com violento golpe a cabeça do mais velho; este ficou sem sentidos.

Desesperado, Rodrigo se pôs a chorar. Não sabia o que fazer, julgava ter matado o irmão.

Alguém providenciou uma ambulância e ambos foram socorridos. Mais tarde, comunicados sobre o incidente, Sofia e Penacho foram ao hospital e os levaram para casa.

Os dois entraram em casa sem se fitarem diretamente, apenas se olhando de soslaio, entre ressentidos e arrependidos. A mãe cuidou dos dois com um zelo absolutamente igualitário, enquanto ao mesmo tempo os repreendia com moderado rigor.

Rodrigo, no entanto, tomara secretamente uma decisão: deixaria a casa da mãe no meio da noite.

## Capítulo IX

Lisandra sentia embaralhar-se tudo em seu espírito atribulado. Por que foi Marlene dizer que Alberto não prestava? Aquilo complicou tudo. Agora o lojista, ao protagonizar-lhe as fantasias, não o fazia sem borrifar em seu colorido quadro as incômodas tintas do desassossego.

O marido também voltara a maltratá-la. Chegou em casa certa madrugada, bêbado e com vários ferimentos no rosto. Envolvera-se numa briga, provavelmente quando jogava. Lisandra aproximou-se para verificar os machucados, oferecendo-se para fazer os curativos. Foi recebida com um empurrão que a lançou de encontro à parede. “Ele precisa morrer!” — foi o que ela pensou, enquanto, sentada no chão, via-o desaparecer no corredor.

Mas acabou tomando uma outra resolução. Esperou que ele dormisse, levantou-se em silêncio, dirigiu-se ao quarto dos meninos, acordou-os, fê-los juntar algumas roupas, e partiram imediatamente, indo à procura da amiga Creusa antes do nascer do sol.

Mas ao chegar à portaria, ainda escura a madrugada, Lisandra, talvez por ter podido respirar um pouco de lucidez, efeito da caminhada, parou, cruzou os braços e ficou a olhar em silêncio para um ponto indistinto no horizonte. Havia um misto de apreensão e dúvida em seu olhar marcado de repetidos prantos.

Sentou-se junto ao gradeado que envolvia o prédio, rodeada pelos filhos que permaneciam silenciosos e tristonhos.

— Não vai dar, meninos. A gente não pode bater na porta da Creusa agora. O chato do Afonso não vai gostar.

Abraçou os dois filhos menores e, em silêncio, deixou que as lágrimas corressem mais uma vez.

Quando ergueu os olhos, percebeu que o Paulo César, o menino mais velho, de pé à sua frente, ostentava uma expressão carrancuda, olhos fitos no chão e deixando entrever uma grande revolta que parecia só agora ter vindo à tona. A mãe ficou intrigada com aquilo, mas absteve-se de proferir comentário.

Quando ele, erguendo os olhos, a fitou com um olhar surpreendentemente adulto, deixou escapar:

— Mãe, eu vou matar meu pai!

Lisandra abriu muito os olhos, espantada com a surpreendente declaração do filho. Permaneceu por longo minuto a fitá-lo boquiaberta, tentando reencontrar o seu Paulo César por trás daquele garoto estranho, de cenho e punhos cerrados, à sua frente.

— Filho, o que deu em você?!

Ele caminhou afastando-se de cabeça baixa e braços contraídos junto ao ventre. Parou a certa distância e, a cabeça ainda baixa, olhava de esguelha, como se aguardasse mais alguma reação da mãe, ou talvez arrependido já da terrível frase que deixara escapar. Na verdade, o próprio Paulo César devia estar sobressaltado com o súbito e precoce surgimento daquele adulto que por instantes experimentara emergir de seu ser ainda impúbere. Um adulto que se apressava em exhibir justamente o seu lado mais sombrio; na melhor das hipóteses, uma esdrúxula pretensão de se fazer herói matando ninguém menos que o próprio pai.

Instantes depois, entregou-se a violentos soluços. A mãe correu para consolá-lo, deixando onde estavam os outros dois, quietos, impassíveis. Os pobrezinhos pareciam não compreender nada — absolutamente nada — do que era a vida. Aparentemente nem mesmo sofriam. Mas... Não. Se chagássemos mais perto, bem perto, perto do coraçãozinho dos dois... A perplexidade era a capa mais suave que talvez pudessem usar para mascarar a profunda dor que não eram capazes de verbalizar.

Uma hora depois, Lisandra e seus três filhos tocavam a campainha da casa de Marlene.

A perspicaz salgadeira, ainda na cama, intuiu que se tratava da amiga. Ergueu-se rápido, cobriu-se com o roupão e abriu a porta.

— Menina, o que houve?

— O filho da puta do Zé Flávio...

— Te bateu de novo!

— Eu vou matar ele! — disse, outra vez, pela boca de Paulo César, o mesmo virtual assassino que há pouco assombrara Lisandra.

— Calma, Paulo César. Essas coisas não se resolvem assim! — foi a resposta de Marlene, que, ato contínuo, fez entrar a infeliz família.

A esperta Marlene não pensou duas vezes antes de botar os três meninos em camas improvisadas na sala de visitas, não sem antes fazer com que engolissem copos de chá de camomila com canela e mel.

— Precisam dormir mais umas horinhas. Enquanto isso a gente conversa — disse, puxando Lisandra para seu quarto.

Muito à vontade, deixou cair o roupão e, só de calcinha, sentou-se na cama com muita naturalidade; fitando a outra nos olhos, tomou-lhe das mãos e disse com voz açucarada:

— Ah, minha amiga... O quê que a gente faz com aquele crápula, hein?

— Não sei... Na verdade, o que neste momento mais me preocupa é o Paulo César. Cê viu como ele está estranho! Até ontem era aquele menino quieto, falava baixo, quase não se manifestava; agora, de um minuto pro outro, reage daquele jeito que você viu. Falar em matar o próprio pai! Sabe, Marlene, eu, que sou a mãe, não reconheci hoje o meu filho mais velho, essa criança dócil que você conhece. Não parecia ser ele, parecia que um demônio tinha entrado nele. A voz, a expressão... Fiquei muito assustada, ainda estou...

— Calma, Lis querida, deve ser a adolescência que resolveu despontar. É assim mesmo, da noite pro dia eles nos surpreendem. Eu já passei por isso. E depois, cá pra nós, esse porcaria desse seu marido tira qualquer um do sério, né!

Lisandra, entretanto, não pôde evitar as lágrimas e, sentando-se na cama, ao lado da outra, pôs-se a soluçar, deixando que seus cabelos fossem acariciados pelas hábeis mãos de Marlene.

— Olha, Lis, fique aqui o tempo que quiser. Eu juro que de hoje em diante aquele calhorda filho da puta não vai mais encostar nem um dedo em você!

Lisandra ergueu os olhos para fitar os de Marlene, um tanto impressionada com o tom que a outra usara. Viu neles muita determinação e um fogo que transitou rapidamente do ódio para uma ternura que chegou a causar-lhe constrangimento.

— Não sei se devo ficar aqui, Marlene. Acho que fui um tanto precipitada. Não é fugindo que vou resolver isso. Vou voltar pra casa com os meninos e encarar o Zé Flávio. Seja o que Deus quiser. Medo eu não vou ter mais.

— Pois então eu vou com você. Não vou mais deixar você — declarou Marlene, sempre calorosa, deixando que roçassem os seios nus no braço lânguido da outra.

\*\*\*

Zé Flávio acordou, olhou para o lado e, não vendo Lisandra, esperou um pouco para ver se ela retornava ao quarto. Como ela não voltou, ele levantou resmungando, constatando em seguida que estava sozinho. Nem Lisandra nem os meninos se encontravam em casa. “Quê que essa cadela aprontou dessa vez! Sumiu com os meninos! Que inferno! Que porra, não tem café, não tem nada!”

Enfiou-se na primeira roupa que encontrou e saiu desarvorado pela rua. Nem se lembrara de pentear o cabelo. Tampouco percebeu que estava usando meias trocadas, um pé de uma cor, outro de outra. Entrou no primeiro bar e pediu uma cachaça, dizendo a si mesmo que precisava botar as ideias em ordem. “Não vou trabalhar hoje, talvez nem amanhã. Foda-se! Minha vida tá um inferno! Devo até as calças, no trabalho todo mundo me aporrinha, minha mulher não gosta mais de mim...”

Assim que tomou a pinga, pagou e saiu, sem nem mesmo pedir outra, sem querer mais nada, ao contrário do que normalmente teria acontecido. Foi perambulando sem rumo. Coração sem rumo, vida sem rumo. Ele nem mesmo sabia, havia muito tempo, o que queria da vida. Não tinha mais ideia do que o prendia às coisas. Por que estava ainda casado com a Lisandra, se já não tinha mais ideia do que significava um relacionamento afetivo? Tentou se lembrar exatamente como foi que se interessou pela bela mulher com quem se casara três anos após conhecê-la. Era bonita, sim, era linda, e mais linda se tornava à medida que amadurecia. Mas, e daí? Sentia, ou sentira algum dia, amor por ela? Ou melhor: o que seria mesmo esse tal de amor de que todo mundo fala?

Enquanto caminhava, um sonho que tivera à noite emergiu em sua mente, e, embora ele a princípio o considerasse totalmente fora de propósito, a lembrança desse sonho se impunha a todo instante, passando a intrigá-lo. Sonhara que Lisandra estava presa em um compartimento, uma espécie de cela ou quarto sem portas e sem janelas, onde de repente surgia um grande porco e passava a persegui-la, tentando devorá-la, arreganhando uma bocarra descomunal. Ao mesmo tempo, ele, Zé Flávio, impotente diante da insólita cena, se via erguendo uma grande marreta para tentar quebrar uma pedra. Percebia aos poucos que essa pedra era nada mais nada menos que um enorme diamante. Deixava então de lado a marreta e apanhava no chão o diamante, mas, depondo-o de novo no solo, voltava a erguer a ferramenta para partir a pedra.

“Esquisito demais esse sonho. Eu, hein!”. Pensando assim, tentou desviar o curso de suas confusas lucubrações, mas a lembrança do sonho sempre voltava. De repente exclamou: “Porra, esse porco do sonho... esse porco... só pode ser eu mesmo, porra! Então eu... Pera aí! Eu tentava quebrar o diamante; o porco, querendo devorar a Lisandra... O Orlando entende melhor essas coisas, mas o puto não quer mais papo comigo, lá na empresa quase ninguém mais quer papo comigo, não sei por quê. Mas ele costumava falar de sonhos, vivia interpretando sonhos dos colegas, só que acabava misturando psicanálise com outras bobagens. Mas não, não é a primeira vez que eu sonho com porcos. E eu lembro que uma vez o Orlando analisou um sonho desses, só que eu não levei muito a



sério. Mas ele tinha me falado que o porco do sonho era eu. Puta merda, será que eu sou um porco? Será que é por isso que todo mundo me trata mal? A Lisandra, então, no sonho, só pode ser o diamante, o diamante que eu, o porco, quero destruir! Puta que pariu!

Contudo, seu entendimento não passou muito disso. Depois de horas trabalhando com o tema, não chegou a atingir o âmago da questão. O dia inteiro perambulou por lugares que mal reconhecia, enquanto sua mente torturada acumulava montanhas de frases interrompidas por dolorosas e compulsivas reticências. Não conseguiu, portanto, acrescentar nada muito considerável à ideia de que era um porco. Não conseguiu, por exemplo, compreender que Lisandra era para ele, desde os tempos de namoro, nada mais do que uma coisa bela que ele gostava de exhibir e ao mesmo tempo guardar só para si. Sendo, no entanto, Lisandra mais do que uma coisa, não podia deixar de estar viva, não podia deixar de mexer-se, de movimentar-se pela vida. Era uma coisa linda, mas era uma coisa linda que se movimentava e que queria ter vida própria. Não podendo impedir que essa coisa linda deixasse de ter vida, desesperava-se e, talvez por isso, não conseguia conter o ímpeto de espancá-la. Espancá-la talvez fosse uma tentativa de fazê-la parar... Mas sem matá-la! Eis, portanto, o seu dilema: a coisa linda não podia ter vida, não podia deixar de ser uma coisa, mas, ao mesmo tempo, também não podia deixar de existir. Mas ele não chegou a ter essa compreensão.

Continuou perambulando pelas ruas durante horas e horas, a ponto de não saber mais por onde andava. Chegou a beirar uma favela, de onde foi escorraçado a poder de pedradas pelos moleques.

Desceu então para a cidade, a garganta ressequida, e ele, mesmo assim, com preguiça de procurar água ou qualquer outra coisa para beber. Agora, nem cachaça ele queria.

Os pensamentos insistiam, atropelando-se, engalfinhando-se em sua mente azucrinada. O peito estava oprimido, e a cabeça doía, não sabia se de sede, fome, desespero, remorso, confusão ou tudo isso junto. Pensava na mulher, cuja significação em sua vida ele cada dia era menos capaz de compreender. Pensava nos filhos. Nunca pensara nos filhos. Agora, surpreendia-se a todo momento com essa inquietante preocupação. E o trabalho? Por que não conseguia mais trabalhar direito, sendo que outrora eram frequentes os elogios que recebia de colegas e chefes? E por que não conseguia mais se desvencilhar do jogo, mesmo sabendo que aquilo estava sendo a sua perdição? Perdia no jogo, bebia demais, chegava em casa e batia na mulher. “Por quê que eu bato na Lisandra, meu Deus?” E os colegas de trabalho não o respeitavam mais, sempre havia cochichos quando ele estava por perto. E as dívidas? As dívidas de jogo o obrigavam a pedir dinheiro emprestado aos

colegas, e os colegas não queriam mais emprestar, já que ele não cumpria seus compromissos.

Deixara nos últimos dias de frequentar o jogo, mas isso o estava deixando maluco, a tentação era quase irresistível. “De repente, a minha sorte mudava e eu dava a volta por cima, pagava o que devo e ainda guardava algum! Mas... que porra, se voltar lá, os filhos da puta me matam. Estão falando em me matar, fiquei sabendo, se eu não pagar o que devo. Agora: como é que eu vou arranjar dinheiro pra enfiar no rabo dessa corja! Só se eu roubar!”

E, quando pensou assim, imaginou-se no minuto seguinte encostando uma arma no velhinho que atravessava a rua. Afastou tenazmente aquela ideia horrível: “Meu Deus, o quê que há comigo!”

Realmente, algumas dívidas de jogo não haviam rendido a ele apenas agressões, mas também ameaças contra sua vida. Embora não parecesse dar tanta importância à vida, a lembrança dessas ameaças também o amofinava.

“Será... Será que eu poderia, uma vezinha só, fazer um assalto? Claro: não assaltar um pobre velho como aquele, mas, talvez, não sei... Talvez um assalto a uma joalheria, um trem assim. Eu pagava logo o que devo pra essa cachorrada...”

Precisamente nesse momento notou que passava bem em frente a uma igreja. Fez o sinal da cruz. Sentiu um calafrio a perpassar-lhe o corpo. Estava assustado com as próprias ideias. “Assaltar! Como é que eu pude pensar um trem desses!”

\*\*\*

Lisandra, acompanhada dos filhos e de Marlene, voltou para casa. Antes, passaram no salão para colocar Creusa a par das novidades e avisar que ambas, Lisandra e Marlene, chegariam mais tarde para o trabalho.

Do salão avistaram Alberto, que não perdia chance de admirar de longe a mulher de Zé Flávio. Lisandra sentiu tamanha vontade de se entrevistar com o comerciante que Marlene não foi capaz de demovê-la da ideia. Foram juntas, pedindo aos meninos que as aguardassem no salão.

— O que há? — indagou Alberto, percebendo a sofrida expressão que Lisandra exibia no rosto.

— O crápula do meu marido, que tem feito da minha vida um inferno — desabafou a mulher sem rodeios, ignorando o olhar reprovador de Marlene.

— Mas isso não vai acabar mais! E quando é que você vai dar um jeito nisso? Até quando você vai aguentar? É preciso acabar com isso.

E Alberto, ao dizer isso, mostrou a Lisandra, pela primeira vez, um brilho em seu olhar que a deixou arrepiada. Havia naquele olhar não apenas indignação, mas algo sinistro que lhe mostrava um outro Alberto. Será que a Marlene tinha razão, quando disse que aquele homem não prestava?

Decidiram, contudo, despedirem-se amigavelmente do comerciante e seguiram para a casa de Lisandra.

Chegando, ela respirou aliviada, percebendo que Zé Flávio não estava.

— Que bom. Parece que o calhorda resolveu cuidar da vida. Tomara que tenha ido para o trabalho.

## Capítulo X

**U**ma sombra esgueirava-se por entre as plantas que se enfileiravam rente ao muro, nos fundos da casa de Zé Flávio e Lisandra. Da janela da casa em frente, os olhos míopes e sonolentos de um vizinho bêbado vislumbraram aquela sombra, mas, acostumado a frequentes alucinações, fez o bêbado um muxoxo e voltou para a cama. Não se lembraria mais daquilo no dia seguinte.

O corpo de Zé Flávio foi encontrado na tarde seguinte, na cama do casal, assassinado com um tiro que lhe atingira o coração. A bala, segundo a polícia, fora disparada à queima roupa e penetrou entre duas costelas. Ele estava de bruços e nu, apenas a cueca descida até os joelhos.

\*\*\*

Foi tudo muito esquisito. Dois dias antes, Lisandra mais uma vez fora agredida pelo marido. Dessa vez, reagiu. Aliás, já estava preparada para uma reação, pois deixara uma tesoura debaixo do travesseiro, para o caso de o ser desprezível que dormia ao seu lado resolvesse encostar-lhe a mão de novo. Jurara que, nem mesmo com carinho, Zé Flávio haveria de tocá-la, desde a madrugada em que fora buscar refúgio na casa de Marlene.

O próprio Paulo César, voltando a ser criança, indagara de olhos arregalados: “Quê isso, mãe! Essa tesoura debaixo do travesseiro, pra quê?”

— É uma simpatia, filho. Me ensinaram. Dizem que é bom pra cortar influências negativas no casamento. Mas isso é coisa de gente grande. Vai dormir, anda!

Contudo, a reação de Lisandra, na noite em que escondera a tesoura sob o travesseiro, não foi suficiente para mais do que uns poucos arranhões no braço do marido, quando este, para não perder o hábito, resolveu insultá-la. O que ela conseguiu com aqueles arranhões foi apenas aumentar a fúria do animal, que partiu para cima dela, empurrando-a e atirando-a contra a parede. Paulo César, tentando interceptar-lhe o ataque, ainda recebeu o seu devido tabefe, caindo ao chão, cheio de ódio e trancando heroicamente dentro si o choro que forcejava para romper sua recém-construída carapaça de homenzinho duro na queda.

Foi nessa mesma noite que Lisandra, aproveitando-se da saída de Zé Flávio — que deixou a casa batendo portas e cuspiendo marimbondos —, juntou de novo os meninos e de novo foi bater à porta da amiga Marlene.

— Não volto mais pra casa, Marlene. Se eu não puder ficar aqui, com você, vou cair no mundo. Pra casa eu não volto mais.

— Nem eu vou deixar você voltar. Se depender de mim, sua casa agora é aqui — respondeu a outra, fitando-a nos olhos e segurando-lhe o rosto com ambas as mãos, afetuosamente.

Quando, portanto, dois dias depois, o corpo de Zé Flávio foi encontrado no leito do casal, com um tiro certo no coração, logo se iniciou a procura pelo culpado. Muitos eram os suspeitos, pois o salafrário não valia nada e ninguém gostava dele. Até alguns colegas de trabalho, a quem ele devia, entraram na lista de suspeitos, embora os principais nomes dessa lista, segundo a polícia, fossem credores do falecido em rodas de jogo. Suspeitou-se até mesmo da própria Lisandra, que poderia, de acordo com algumas especulações, ter recebido auxílio de sua protetora Marlene para perpetrar o crime.

\*\*\*

Uma dificuldade se apresentou, entretanto, na já tão atribulada existência de Lisandra. Logo que ficou viúva, cedeu às insistentes investidas de Alberto, para desespero de Marlene, que não se cansava de bater na mesma tecla: “esse cara não presta, Lisandra, esse cara não presta!” Passou a sair com o comerciante e ficava cada dia mais apaixonada.

Foi assim que Alberto entrou também para o rol dos suspeitos pelo assassinato de Zé Flávio, pelo menos para a despeitada e ciumenta Marlene.

— Só pode ter sido ele, Lisandra. O homem sempre foi louco por você; quando te via, ficava em tempo de virar o juízo. E quando ficou sabendo que você apanhava em casa, você lembra como foi que ele ficou? Dava até medo olhar pra ele! Foi ele sim, Lisandra, foi ele, sim! — E Marlene tinha muito fogo nos olhos e muita revolta na voz.

E com isso, Lisandra, que esperara tanto para realizar seus sonhos românticos ao lado de Alberto, não podia ainda passar nem uma noite com ele. Encontravam-se na casa dele, que morava sozinho, mas eram encontros com hora marcada para terminar, já que Marlene declarou peremptoriamente que não ia tomar conta dos meninos enquanto a amiga se esbaldava com um bandido da laia do Alberto.

— Sua amiga Marlene não me suporta, né. Até parece que...

— O quê?

— Deixa pra lá.

— Deixa pra lá, não. Detesto insinuações. Você quer dizer que ela...

— É isso mesmo, Lisandra. Pra mim ela está é apaixonada por você. Pronto, falei!

— Você ficou louco. Eu tô horrorizada com você! — declarou Lisandra, desvencilhando-se dos braços do namorado e fazendo menção de ir embora.

— Espera! — pediu ele. Vamos conversar com calma. Talvez eu esteja mesmo errado. De qualquer forma, quero te fazer uma proposta. Não precisa responder hoje, mas reflita nos próximos dias sobre tudo o que está acontecendo, sobre nós dois, sobre o comportamento de Marlene, e depois me responda se quer vir viver comigo. Traga pra cá os meninos, vamos começar uma vida realmente nova.

— Vou pensar, respondeu Lisandra demonstrando má vontade, depois de ficar por instantes fitando o namorado. Depois se despediu secamente e saiu.

\*\*\*

Alberto, após ter vivido alguns anos com a piranha da Sofia, por quem se apaixonara, tornou-se muito descrente. Assumira uma atitude cínica em relação ao ser humano de um modo geral e particularmente em relação às mulheres, que considerava inconstantes e caprichosas. Caberia a Lisandra, portanto, passar por um rigoroso teste que consistia em cavar fundo através daquele espessa camada de cinismo até encontrar uma faceta de Alberto que ele próprio considerava definitivamente morta e enterrada.

O cínico Alberto adquirira o hábito de cantar qualquer pessoa que tivesse perereca — ou que ele supusesse ter, pois certa vez já ia entrando em fria com um travesti, o que só não ocorreu porque ele reparou a tempo que a boneca mijava em pé. Mas, a contragosto, ele percebia, agora, que a gostosa da Lisandra mexia muito com ele, muito mais do que ele imaginava possível, desde que se separara da safada da Sofia. E, mais tarde, sozinho, na noite em que propôs a Lisandra que viesse viver com ele, arregalou os olhos no meio da penumbra de seu quarto, repentinamente espantado consigo mesmo, pela naturalidade com que fizera aquela proposta, ele que pensava ter adquirido a certeza absoluta de que jamais levaria alguma mulher a sério. “Será que eu estou me apaixonando de novo!” — disse em voz alta, sentando-se na cama e ainda conservando a expressão de espanto da qual Cupido talvez estivesse rindo em silêncio, oculto em algum canto do quarto ou de seu próprio ser tomado de perplexidade.

\*\*\*

É claro que ao saber da proposta de Alberto, Marlene não gostou. Fez de tudo para convencer a amiga a desistir do comerciante. Mas não obteve sucesso. Lisandra estava convencida de que Alberto era bom. Não se considerava ofuscada pela paixão, a ponto de não perceber nele o bandido que a outra jurava existir. Por isso, após considerar bem todas as consequências de uma tão importante decisão, procurou de novo o lojista e disse sim! para em seguida maravilhar-se com a festa que de repente se estampou nos olhos dele — os olhos cor de cinza, os olhos de bandido, os olhos de tarado, segundo as várias interpretações que ouvira das amigas.

Iniciou-se logo a preparação da casa. Com a entusiasmada e decisiva ajuda de Lisandra, Alberto pôde caprichar na decoração. O bom gosto da mobília, os lindos quadros e tapetes fizeram com que a casa se tornasse o ninho perfeito para o casalzinho de pombos, como observara, admirada, a amiga Creusa. Aliás, os dois casais estavam se tornando cada vez mais unidos, e o próprio Afonso, torcedor do América, achando o máximo o fato, raro, de ser Alberto também torcedor do Coelho.

Marlene também participava das reuniões, que aconteciam quase sempre no clube. Mas não conseguia ocultar o brilho metálico nos olhos, quando fitava Alberto; um brilho tão carregado de ódio que chegava a causar arrepios nas amigas, e a viúva de Zé Flávio, por isso, muito se inquietava. Os dois — Afonso e Alberto — não percebiam nada. Tomavam cerveja, fumavam, riam, contavam piadas, naquela despreocupação típica dos machos comuns, quando estão assim, com as suas mulheres — ainda que não tão amadas —, uma cervejinha na mesa e as contas pagas.

\*\*\*

Mas, dias depois...

Em frente à loja de Alberto existia um sobrado com duas moradias, uma em cada um dos dois andares. Era de noitinha e ele já se preparava para fechar o seu estabelecimento. Nenhum cliente mais se apresentava, e ele estava exausto, pois tivera um dia muito movimentado.

Da janela do segundo andar do sobrado, dona Inês, que observava distraída a rua calma, viu quando, de um instante para o outro, surgido não se sabia de onde, entrou na loja um mascarado, de arma em punho, atirou em Alberto e escapou em disparada, logo dobrando a esquina e desaparecendo, tudo isso acontecendo muito rápido. A polícia foi imediatamente comunicada, e o lojista, levado em estado grave para o hospital.

Suspeitou-se de assalto, mas a hipótese foi logo descartada, já que o autor do disparo agiu muito rápido e não levou nada da loja.

— Quem teria motivos para matá-lo? — disse Afonso, quando saía do hospital, acompanhado de Creusa.

— É difícil saber. É um sujeito tão pacato... Se bem que não sabemos quase nada do passado dele. Apareceu no bairro de uma hora para outra, e nunca chegou a nos contar muita coisa sobre sua história.

— É verdade. Bem, eu soube por alto que ele chegou a viver alguns anos com a Sofia, a secretária que casou com o Penacho. Mas ele evita tocar nesse assunto — comentou Afonso.

— Na opinião de Marlene o atentado pode ter acontecido a mando de algum inimigo de Alberto, alguém que ele já tenha sacaneado algum dia. Você sabe, né, ela não gosta mesmo dele.

— É. Aliás, cá pra nós, esse ciúme dela é muito estranho. Estranhíssimo.

— Cê acha que é ciúme?

— Tá na cara, né, Creusa.

No entanto, durante todo o tempo em que Alberto esteve em recuperação, Marlene tudo fez para consolar Lisandra, ajudando ainda a tomar conta dos meninos, pois a amiga mal conseguia pregar os olhos à noite, comia pouco e enfraquecera sobremaneira, sendo por isso incapaz de, por exemplo, acompanhar os filhos nos deveres de casa.

Mas o excesso de desvelo demonstrado por Marlene incomodava Lisandra, mormente depois das suspeitas que Alberto havia suscitado acerca da possível paixão da salgadeira por sua namorada. “Realmente é muito esquisito esse agarramento todo, esse jeito meloso da Marlene, e ainda essa atitude hostil em relação a ele” — pensava Lisandra, que mal conseguia esperar pela recuperação do namorado.

\*\*\*

A recuperação de Alberto arrastava-se com lentidão. O tiro atingira uma área importante de seu organismo e só não o comprometeu em definitivo devido a sua invejável constituição física. Durante os meses em que esteve de repouso, primeiro no hospital e depois na sua própria casa, Lisandra praticamente não o deixou sozinho. Ouvia-o com interesse, embora muitas vezes seu discurso carecesse de nexos, talvez pelo cansaço, cansaço sentido por quem não fazia nada dias e dias ininterruptos. Todo o seu organismo parecia estar ainda



em processo de recuperação do ritmo normal, e o cérebro não devia estar excluído desse processo. Por isso seus pensamentos fluíam lentos e muitas vezes desencontrados, com assuntos diversos se atropelando boa parte do tempo em que falava com Lisandra, ou mesmo quando, estando só, punha-se a divagar. Mas Lisandra se fizera presente todo o tempo possível, ouvindo-o com atenção, paciência e aquela dedicação própria de quem ama verdadeiramente.

— Eu sou esquisito — dizia ele certa manhã, olhando para o teto, tendo a mulher sentada na cama ao seu lado.

— Por quê?

— Porque sou. Por exemplo: respeito as regras de trânsito, quando escrevo uso vírgula nos vocativos, torço pelo América... Olha só, eu torço pelo América! Sou mesmo esquisito: sou contra a pena de morte, pois acho que a morte não pune ninguém; sou esquisito, pois acredito no amor; sou esquisito, pois sinto saudades; sou esquisito, pois sinto pena dos céticos... Lisandra, eu sou um cara esquisito, ponto final!

— Então eu amo um cara esquisito! — disse ela rindo e beijando-o na face descorada.

— É, você ama um cara esquisito, e eu amo uma mulher maluca que ama um cara esquisito — respondeu ele, com o mesmo ar despreocupado.

— Quem teria tentado me matar? — prosseguia ele, mudando de assunto, como fazia a todo momento, pois não se preocupava em colocar nenhuma ordem em seu discurso quase despreocupado diante da mulher.

— Esse é um mistério que a polícia ainda há de desvendar. Assalto não foi, tá na cara. Mas é melhor a gente não ficar pensando muito nisso. Você sarando, a gente muda daqui e esquece isso. Se a justiça dos homens não puder fazer nada, a de Deus...

— O que acontece — interrompeu ele, já pensando em outro tema — com o coração de uma pessoa como a Sofia, o que leva uma pessoa a agir como ela, a perseguir a felicidade de um modo tão equivocado como ela faz? E onde é que ela vai parar assim, meu Deus! Coitado do ingênuo do Penacho!

— Vai saber o que se passa no coração das pessoas! Cada coração é um mistério — respondeu Lisandra, pensativa.

— É... e também “é perigoso espiar os abismos dos corações femininos”. Quem disse isso foi Nikolai Gógol, mas eu é que queria ter dito. O sacana roubou essa frase de mim!

— Mas ele não explicou por que é tão perigoso perscrutar essas profundezas da alma feminina. Você por acaso sabe por quê?

— Resposta simples: Não sei. Se soubesse, eu me armaria para enfrentar esses perigos e resolutamente me aproximaria para espiar lá no fundo.

— É verdade — assentiu Lisandra. Mas acho também que nos corações masculinos há abismos: o *ser humano* é um abismo. A alma masculina não é mais rasa que a feminina, o que ocorre é que o macho usa de precários e ridículos anteparos para iludir os outros e principalmente a si próprio. São ingênuos, divertidamente ingênuos os machos de nossa espécie.

— Pode ser... Lisandra, me diga uma coisa: você algum dia imaginou que poderia ter com o Zé Flávio uma conversa desse tipo?

— Nem em sonho. Eu tinha dezoito anos quando casei com ele. Nem sabia o que era amor. Mas eu não quero falar disso.

— Tem razão, deixa pra lá. O importante agora é a gente pensar na nossa felicidade; daqui pra frente é cuidar pra que tudo aconteça do modo como vem se desenhando em nosso horizonte. Quem sabe, a gente mudando daqui, as pessoas nos esquecendo, a gente não consegue a felicidade completa, né? Porque a inveja é um negócio sério. Eu já cheguei a essa conclusão: a inveja não é um inimigo desprezível. Por que, quando a gente encontra o verdadeiro amor, tantos obstáculos se nos interpõem? É ou não é efeito da inveja? Nas comemorações de final de ano nossos amigos nos abraçam e nos desejam felicidades, mas aí daquele que se atrever a ser feliz! Os amigos se tornam muito solidários quando estamos mal — isso é fácil para a maioria deles. Mas não é qualquer um que pode suportar a felicidade alheia sem sentir ao menos uma pontinha de despeito...

— Eu nunca tive dúvida quanto ao poder de destruição da inveja — tornou Lisandra. Mas, pela fé, pela verdadeira fé, a inveja se dissolve no ar, se transforma em nada! E nós, agora conscientes, estaremos imunes a ela. Eu sei que o amor é o principal alvo dos invejosos, porque provavelmente eles intuem que a única fonte de verdadeira felicidade é o amor.

— Sem dúvida, Lisandra, minha lindinha! — empolgou-se Alberto. Fui rico e perdi quase tudo. Mas agora é que me sinto verdadeiramente rico, porque encontrei o verdadeiro amor — a única fonte da verdadeira riqueza. O amor que sinto por você só pode ser descrito como o encontro de duas metades que por anos e anos, desde o nascimento, andavam às tontas por aí, à procura uma da outra, tentando forjar a felicidade por meio de relacionamentos que, embora muitas vezes possuindo certa qualidade afetiva, eram apenas relacionamentos entre almas estranhas que tentavam se dar uma à outra, mas sem aquela 'liga' e sem aquele inefável festejar que eleva as duas almas, embriagadas, acima

das nuvens que encobrem frias a pequenez dos relacionamentos apoiados em bases equivocadas...

Era um caszinho bem careta. Mas, olhando em volta, talvez não fosse fácil encontrar um par de semblantes com aquela expressão de beatitude que se via neles.

E, a propósito, onde fora parar o pretens cinismo que Alberto adotara contra toda a humanidade só por causa da cadela da Sofia?

— Quando você sarar, ainda vai tomar cerveja, falar de futebol, de política, rir das piadas sem graça dos amigos... Vai ou não vai? — indagou Lisandra.

— Vou.

— Então nem tudo está perdido. Você ainda é um macho normal, comum.

— Mesmo usando vírgula nos vocativos?

— Mesmo assim.

E a gostosa da Lisandra beijou-lhe a bochecha, agora não tão descorada. E ele a fitou, agora com os olhos não tão mortiços. Porque o amor restabelece, reaviva, reacende a vida; ele é a brasnha que Deus matreiramente coloca debaixo das cinzas de cinismo com que algumas pessoas tentam encobrir a vida. Os cínicos — pessoas semimortas — costumam se desconcertar quando essa brasnha ousa romper a espessa camada de cinzas com que procuram precária e inutilmente se proteger.

E Alberto nunca fora, como se sabe, um cínico de verdade — se é que os cínicos de verdade existem. Apenas trazia uma ferida aberta que o amor de Lisandra fechou rapidinho.

\*\*\*

Aos poucos o ex-cínico — ou seja, o superapaixonado Alberto, com aquela cara de basbaque que denuncia os incautos que se deixam atingir pela seta de Eros — foi se recuperando tão satisfatoriamente a ponto de querer dar uma todos os dias com a gostosa da Lisandra, para desespero da cada vez mais esquisita Marlene.

Agora Alberto sabia que nunca havia amado de verdade a perversa Sofia, nunca havia amado de verdade a ninguém. Quando o sujeito ama de verdade, ele não tem dúvida de que o amor é a grande magia do universo; ele abraça a Deus e se põe a rir sozinho, no escuro do quarto, ou até mesmo andando distraído pelas ruas. Não sente seus pés tocarem o chão; não entende como foi até a padaria e voltou — não se lembra de ter pedido o pão e o leite e nem de como foi que pagou pela compra; lembra-se, depois, de ter dado bom-dia para o pardal que saltitava à sua frente catando migalhas na calçada, e se ri de novo e

agradece a Deus e estremece e canta e dança no meio do quarto, enquanto ouve o barulho do chuveiro jogando água sobre o corpo cálido da namorada, lá dentro, no banheiro, cuja porta está entreaberta.

Casaram-se.

## Capítulo XI

**D**esde que descobrira o envolvimento de Afonso com a Teresa, a morena boazuda que morava em Lagoa Santa, Marlene passara a viver um dilema. Como dizer a Creusa que o marido desta estava de caso justamente com uma velha amiga da própria Marlene? Foi, portanto, adiando o desfecho do caso e, nesse ínterim, ocorreram fatos, como a morte de Zé Flávio, o atentado contra Alberto e o próprio casamento deste com Lisandra, que acabaram fazendo com que o assunto permanecesse sustado por mais tempo do que desejava Marlene. Até Creusa, a maior interessada, parecia ter olvidado temporariamente o caso.

Mas um dia a salgadeira resolveu procurar a amiga Teresa. Telefonou para Lagoa Santa e marcaram um chá para sábado à tarde.

Conversa vai, conversa vem, e de repente aparece na sala, engatinhando, um menininho rechonchudo, tentando articular umas míseras palavras na sua linguazinha rudimentar que pareciam dizer que estava com fome ou querendo apenas colo.

— Uai, Teresa, você não me disse que tinha um filho! Ou não é seu?

— É meu. É o Filipe — respondeu Teresa e, voltando-se para o rechonchudinho, disse, estendendo os braços: Vem na mamãe, vem, gatinho pidão.

— Mas ele é lindo, Teresa. Benza Deus!

— É o meu gatinho. Eu só chamo ele de “meu gatinho”. Parece muito com o pai.

— E ele vive com você, o pai?

— Vive nada. Ele nem sabe que é o pai. É um homem lindo, mas só ficou comigo uma vez. É baterista de uma banda de rock. Passaram pela cidade uma vez e a gente ficou junto. Uma vez só, e olha o que deu! Não é lindo o meu gatinho?

— E você não tentou nem requerer uma pensão, uma coisa assim?

— Nada, eu não quis complicar. Eu ia ficar mal com a comunidade. Além disso, não conta pra ninguém não, mas eu tinha um amante na época — que aliás ainda fica comigo de vez em quando — e preferi que ele não soubesse.

— Então ele pensa que o filho é dele!

— Pensa. E é por isso que não tem faltado nada pro meu gatinho. Porque, desde que Mãe morreu, tudo complicou pra mim. Até emprego eu perdi, quando engravidei. Se ele descobrir que o Filipe é filho de outro, não sei o que vai ser de mim. Aliás: de nós. E o

pobrezinho não tem culpa de nada, né, meu gatinho? — completou ela, apertando o menino contra corpo.

Nesse ponto Marlene resolveu fazer a pergunta cuja resposta já conhecia:

— Teresa, vem cá: qual é o nome desse otário que pensa que é pai do menino?

— Olha, Marlene, pelo amor de Deus, ninguém pode saber. O nome dele é... é... Afonso. Ele é casado.

— Sei... Mas eu também só perguntei por perguntar — disse a salgadeira, afetando displicência.

Despediram-se logo depois, com a promessa de que dali em diante iriam se encontrar com mais frequência.

\*\*\*

Marlene ainda ficou matutando por muitos dias antes de reunir-se com Lisandra e Creusa para relatar a sua surpreendente descoberta. Gostava muito de Creusa e, afinal de contas, ela mesma se propusera a prestar aquele serviço de investigação particular, mas temia as consequências que dessa revelação poderia advir e que obviamente atingiria sua outra amiga, até mesmo porque o menino Filipe, coitadinho, tão inocente, acabaria pagando o pato.

Mas um dia ela se decidiu e acabou contando a sua descoberta às duas amigas, logo que estas deixaram o salão, numa tarde morna de segunda-feira.

— E agora, gente, o quê que eu faço? — indagou, aflita, a mulher de Afonso.

— Olha, Creusa, é melhor esfriar a cabeça, por enquanto. O sacana não pensa que é pai do menino? Então... Deixa o otário descobrir a verdade com o tempo. Enquanto isso, o melhor que você faz é cuidar da sua vida, menina. Olha só que mulherona que você é! — disse Marlene com malícia.

— O que você quer dizer com isso, demônio! — interveio Lisandra de bom humor.

— Estou querendo dizer um monte de coisas, mas, para resumir, vou dizer apenas que a nossa Creusa é ainda bem jovem, bonita, e se nessa história alguém não tem capacidade para fazer filhos, esse alguém é o safado do marido dela.

Creusa arregalou os olhos e fitava ora Marlene ora Lisandra, embasbacada, boquiaberta. Depois exclamou: “Gente, eu não tinha pensado nisso!”

— Pois pense, sua boba, pense — instigou o demôn... quer dizer, Marlene.

— Você quer que eu...

— Eu não quero nada, eu não disse nada — tornou Marlene, com o seu já conhecido sorriso que fazia brotar nos olhos aquele brilho de causar arrepios.

O que, apesar de tão esperta, Marlene não sabia — talvez por ter estado, nos últimos tempos, tão ligada às peripécias que envolviam sua predileta amiga Lisandra — era que Creusa, contaminada por aquele clima de romance vivido pela viúva de Zé Flávio, guardava, já, em algum dos esconderijos de seu coração feminino, algo que — juntamente com a tácita e crescente convicção de que o marido tinha outra — fez com que ela reagisse sem maiores dramas ante a notícia, trazida por Marlene, de que ele tinha esse caso com a gostosa da Teresa. Ao mesmo tempo, experimentou o saboroso sentimento de vingança ao saber que o porcaria do Afonso tratava de um filho que não era dele. Ela sabia que, no fundo, ele a desprezava como se despreza uma máquina defeituosa, incapaz de produzir o que se espera dela.

Creusa guardava um segredo em algum de seus esconderijos femininos. Sim, existia um homem, um Jorge. Taxista.

No Brasil há taxistas de todos os tipos, para todos os gostos. Esse tinha um bigode basto e nojentamente descido até cobrir os dentes de cima. Nojentamente se encontrava também ali, com muita frequência, preso entre os fios retorcidos do ridículo bigode, algum farelinho de pão, pastel ou qualquer outra bobagem que ele costumava comer, entre uma corrida e outra, no bar da esquina. Lá na esquina, próximo à entrada do botequim, onde se reunia com os colegas à espera de seus raros clientes, o tipo se distraía mordendo um palito no canto da boca, coçando a barriga e rindo das piadinhas sem graça que uns e outros contavam para passar o tempo.

Mas Creusa desejara por muito tempo sentir-se amada. E o porcaria do seu marido a cada dia levava para a cama menos tesão e mais desprezo.

O Jorge, não. O Jorge, apesar de néscio e desarrumado; apesar daquele bigode nojento e apesar de possuir todos os requisitos necessários para repelir qualquer mulher de gosto médio e de médio senso crítico, era carinhoso e dedicado. Isso pode parecer pouco, mas foi essa a explicação simples e até um pouco despreocupada que Creusa apresentou a si mesma quando se perguntou por que se prendera ao taxista. E, nesse tipo de matéria, as respostas simples têm, no mínimo, o mesmo valor das respostas mais complexas ou mais elaboradas, ou seja: não têm valor nenhum, nem são necessárias. Creusa estava transando com Jorge e estava gostando. Ponto.

O que, todavia, deu a Creusa o que pensar foi a questão, levantada por Marlene, acerca da sua possível fertilidade. O estéril não seria mesmo o próprio Afonso, já que o “gatinho” da piranha da Teresa era filho do tal roqueiro? “Porque, pensando bem, dizia ela consigo mesma, se ele já tem um caso com a cadela há tanto tempo, e ela, apesar disso, não conseguiu pegar barriga com ele, mas pegou com o outro, numa única trepada, então... Então é isso! Esse imprestável desse meu marido não pode fazer filho! Ainda bem que eu nunca fiquei com o Jorge sem camisinha.”

Começou a pensar seriamente em separação. Mas era necessário dizer ao calhorda do marido que ela sabia do caso dele com a Teresa. Discutiu o assunto com o nojento do Jorge, e ele, sem tirar o palito da boca, disse que não só apoiava a ideia como ainda estava disposto a juntar com os dela os seus trapos, na casinha em que morava em Venda Nova.

— Vamos com calma, Jorge. Morar juntos é um assunto para depois, bem depois. A gente nem sabe até que ponto nós gostamos um do outro. E depois, eu me separando, terei que morar na casa de uma das minhas amigas por um tempo, dando a entender que eu ainda não estou com outro homem, você entende?

\*\*\*

— Que história é essa de separação, Creusa? — inquiriu Afonso, quando ela, depois do jantar, tocou no assunto.

— É isso mesmo, Afonso. Eu descobri tudo.

— Tudo o quê?

— Eu já sei da tal Teresa de Lagoa Santa, do filho que você tem com ela, sei de tudo.

Ele ainda tentou, mas não houve como convencê-la de que era inocente. E, depois, como ela no final acabou dizendo, não havia mais praticamente nada entre eles nos últimos tempos. Aquilo nunca chegou a ser de fato um casamento, apesar da grande frequência com que, ao longo de anos, fizeram sexo de alguma qualidade. Amor nunca houvera. E Creusa mudara muito, seja por influência da bruxa da Marlene, como argumentava Afonso, seja pela sua própria necessidade de mudar para sobreviver, dar uma sacudida naquele tédio que a sufocava nos últimos tempos.

Enfim: separaram-se. Na verdade, o esquisito do Afonso vivia tão emocionalmente distante da mulher que nem chegou a opor a resistência que ela esperava. Nunca amara Creusa e sabia disso tão bem quanto ela. Aliás, havia muito tempo que enfiara na cabeça a convicção de que o tempo de amar já havia passado. Babava pela tal da Flavinha, mas



esta acabara se casando, engravidando e tendo um filhinho que já falava mamã e papá, antes que ele tivesse a coragem de encarar a realidade, deixar uma mulher que jamais amara e lutar pelo amor daquela delícia que atendia pelo nome de Flávia.

Nos primeiros meses da separação, Creusa, para que Afonso não suspeitasse de nada, foi morar com Marlene. Mas, tão logo a poeira baixou, juntou seus trens e picou a mula para Venda Nova, indo morar com o nojento do Jorge, o do bigode nojento, o que não tirava da boca aquele palito nojento. Com isso, a sua sociedade com Lisandra no salão de beleza foi desfeita, embora a amizade permanecesse. Mas, em consequência disso, Lisandra também não quis mais ser cabeleireira, e resolveram passar o ponto.

Tornaram-se, pois, sócias de seus próprios homens. Lisandra dividia suas tarefas com Alberto, tanto na loja como em casa, e Creusa, que se tornara uma mulher muito decidida, revezava-se com o nojento e parvo Jorge na direção do táxi, tendo ambos a intenção de juntar uma grana para adquirir um segundo veículo.

A esquisita Marlene é que, diante de tais mudanças experimentadas pelas amigas, e logo que Creusa, baixada a poeira, resolvera ir de mala e cuia para a casa do nojento em Venda Nova, passou a viver cada vez mais acabrunhada. A verdade é que agora ela se tornara uma mulher muito solitária, pois sua sócia, dona Mirtes, era uma mulher sem graça; além disso, esta já estava muito velha e vivia perrengue. Às vezes, nos fins de semana, Marlene fazia visitas a suas amigas, mas achava que Creusa mudara muito depois de ter ido morar com o nojento do Jorge; parecia que ela estava mesmo apaixonada por ele, coisa difícil de entender. Quanto a Lisandra, a dificuldade continuava sendo o marido. Não tinha jeito: Marlene não ia mesmo com a cara dele.

Portanto, a cada dia a salgadeira se sentia mais estranha a si mesma, e nas horas vazias vagava por aí, sem rumo, macambúzia, muitas vezes até falando sozinha, passando pelas pessoas conhecidas e não lhes dirigindo a palavra, como se nem mesmo as visse. Às vezes se perguntava se não estava se tornando louca. À noite rolava na cama, insone, com uma multidão de demônios dançando em torno de seus miolos. Perdera o apetite; cada vez com mais frequência, abandonava os seus afazeres na fábrica de salgados, deixando a pobre da dona Mirtes às voltas com as encomendas.

Creusa e Lisandra, conversando por telefone, tinham a mesma preocupação:

— Ela vai acabar fazendo algum trem errado, Lisandra.

— Vai, sim; ela tá muito deprimida.

## Capítulo XII

Como Santa Amália era uma titica de uma cidadezinha de nada, o rapaz louro com a cara toda cheia de curativos e mochila nas costas não pôde passar despercebido ao entrar na pousada de portas estreitas que ficava bem em frente à praça central. Todo mundo já sabia que um branquelo com cara de gente de cidade grande — um frangote que não tinha na cara mais do que sofríveis fiapos de pretensa barba — tinha apeado da carroça de seu Emílio e atravessado a rua olhando tudo em redor, feito um pato novato que é jogado pelo dono no meio do terreiro e se vê, de repente, cercado de toda sorte de seres estranhos — bichos e plantas.

O nosso pato — ou seja, o Rodrigo, pois era ele, o filho da quarentona boazuda que se casara com o ridículo do Penacho — cumprira a sua promessa e partira ainda de madrugada, logo após a feia briga que tivera com o irmão. Tinha o rosto todo cheio de esparadrapos e ainda bastante inchado. Mas era obstinado feito uma mula.

— Quantos anos você tem? — perguntou seu Pedro Borges, dono da hospedaria e que era também recepcionista, tesoureiro, contador, gerente e até camareiro, quando dona Mira, a esposa, ficava perrengue.

— Dezenove, mentiu Rodrigo.

— Preciso ver seus documentos.

Rodrigo não mentia bem. Inventou todo tipo de história, tentando enrolar seu Pedro, mas, no fim, teve de dizer toda a verdade. Pediu ao dono da pousada para ficar lá uns dias, prometeu ser discreto e ajudar em qualquer tipo de trabalho que lhe fosse confiado.

Os bons modos do rapaz, sua educação, sua seriedade, e, acima de tudo, sua dedicação ao trabalho e interesse em tudo o que dizia respeito à vida naquela pequena cidade — tudo isso, somado, fez com que seu Pedro, com o tempo, praticamente o adotasse como filho. Seu Pedro sabia (o rapaz não lhe escondera nada) que Rodrigo vivera cercado de todo o conforto em Belo Horizonte. Mas o velho hospedeiro não tinha filhos. Vivia com a mulher apenas — dona Mira, cuja saúde frágil sempre requeria atenção especial, obrigando-o a se desdobrar, fazer das tripas coração para não fechar o estabelecimento, o que seria a total ruína do casal: não possuía outra fonte de renda. Havia terras, seu Pedro possuía duas fazendolas, mas praticamente esquecidas, abandonadas, por absoluta impossibilidade de se colocar ali alguém de confiança para administrá-las e

fazer com que se produzissem de novo o leite, a carne e o café que outrora, no tempo dos “meninos”, era possível produzir.

Os “meninos” eram os dois filhos do velho casal, que foram assassinados anos antes, friamente, numa curva de estrada, incidente esse que nunca pôde ser esclarecido. Rodrigo ouvia na cidade, aqui e ali, as diversas opiniões, mas a única versão que lhe parecia plausível era a de que os filhos de seu Pedro, em suas costumeiras farras em uma cidade vizinha, tinham o costume de fazer arruaças, provocando rixas e, por isso, foram vítimas de tocaia. Mas essa versão não agradava ao pai dos rapazes assassinados.

Alguns anos depois, Rodrigo, já homem feito, viria a ser o filho de que seu Pedro necessitava. Adquiriu autoconfiança e experiência, e em pouco tempo pode arrastar consigo um grupo de rapazes entusiasmados que se dispuseram a ajudá-lo a recuperar a produção nas duas fazendas.

Com a morte de dona Mira, seu Pedro, também já sem vitalidade suficiente para cuidar sozinho da pousada, resolveu fechá-la, mudando-se para uma das fazendas. Providenciou seu testamento, fazendo de Rodrigo seu único herdeiro.

O filho da boazuda e ordinária Sofia estava agora irreconhecível. O rosto muito queimado de sol, os cabelos desalinhados sob o chapéu de palha, as botinas de couro cru; o hábito de pacientemente preparar seu cigarro de palha enquanto fazia com seus companheiros considerações sobre o tempo; o linguajar, a fala vagarosa e sem pressa; as pescarias, o cheiro de lombo de cavalo que sempre exalava de seu corpo suado — tudo nele podia fazer com que, por exemplo, um antigo colega de infância, vendo-o, não pudesse acreditar que se tratava do irmão daquele narigudo antipático, o tal do Maurício, que achava bonito a mãe fazer gato e sapato dos homens com quem se envolvia.

Durante todos esses anos, em que o menino Rodrigo ultrapassou os seus arroubos juvenis, tornando-se um homem, administrador de fazendas e herdeiro do bom Pedro Borges, sua mãe não se cansou de esperar que ele aparecesse, embora, na manhã em que ele fugira de casa, ela e Penacho tenham encontrado, sobre a mesa da sala de jantar, o seguinte bilhete, escrito em grandes letras de fôrma numa folha de cartolina: “NÃO QUERO MAIS SER FILHO DA PUTA! FUI!”

Aquele “fui” podia significar “fui” do verbo “ser”, mas a ausência dos objetos pessoais do garoto, e a sua demora em retornar, aos poucos foram convencendo a todos de que aquele “fui” era do verbo “ir”, um modo de expressão muito comum na época, mormente entre os jovens. O indivíduo dizia “fui!” quando queria dizer “estou indo!”.

A verdade é que Rodrigo não voltaria mais para a casa de sua mãe. Não é que sentisse ódio ou revolta. Simplesmente mudara de vida, ou encontrara, segundo sua convicção, seu verdadeiro destino. E não era mais o belo-horizontino filho da devassa Sofia e irmão do estulto Maurício: transformara-se em outra pessoa. Incorporara com uma facilidade espantosa a personalidade de homem do campo. E, além disso, não tardaria a se casar. Com seus vinte e poucos anos, mas com jeito de quem tinha mais de trinta, enrabichara com a filha de Geraldo Vieira, proprietário de vastas terras na região.

De modo que o seu destino estava traçado e ele fazia gosto em cumpri-lo.

Já o antipático do Maurício, seu irmão, levava a vida na total irresponsabilidade, ajudando a mãe a dilapidar os recursos do idiota do Penacho. Os primeiros cabelos brancos surgiam em sua cabeça oca e ele ainda costumava participar de “rachas” nas madrugadas da zona sul da Capital, quase sempre embriagado.

Com o tempo, Sofia foi se acostumando com a ausência do filho caçula, mesmo porque ele, ao deixar a casa, havia colocado sobre a mesa aquela frase horrível. “Então eu sou uma puta!” — repetia ela por anos a fio, quando se lembrava de Rodrigo. A mágoa logo superou o remorso e, com um pouco mais de tempo, ambos os sentimentos foram suplantados pelo seu natural cinismo. E agora já não era tão atraente como no tempo em que fisgara o ridículo do Penacho, tendo já muitas pelancas pelo corpo, que só se disfarçavam, periodicamente, com o indesejável aumento de peso. Com isso, a safada, para atender aos apelos de sua ainda insaciável libido, recolhia nas ruas jovens desempregados e os levava para a sua própria cama, onde, na calma das tardes do Mangabeiras, fazia com eles o que bem entendia, pagando-lhes pelo serviço generosas quantias, em dinheiro vivo, dinheiro do seu desprezível marido, que já desistira de exigir-lhe prestação de contas.

\*\*\*

Um fato que abalou sobremaneira as estruturas de Sofia foi a morte de seu filho preferido, o estulto Maurício, sujeitinho que, como se sabe, não valia um tostão furado, como se dizia antigamente. O porcaria encheu a cara e saiu por aí fazendo merda, dirigindo nas estradas em alta velocidade. Numa curva perigosa da BR 040, seu carro capotou e caiu num precipício, momento em que provavelmente se viu rodeado por uma leva de demônios que sem demora o levaram para o lugar a ele destinado e onde um dia talvez

recebesse a devassa Sofia, sua mãe. Agora, na mansão do Mangabeiras, só viviam a vadia e o trouxa do seu marido Penacho, além do gato Alfredo, é claro.

Mas a dor pela perda do filho passou logo, e, para recuperar o tempo perdido com o breve luto, a cadela voltou com tudo ao seu esporte preferido, que era chifrar o ridículo e desprezível ser com quem se casara.

Por falar em Penacho, este se transformara, com o tempo, em uma mera caricatura do que fora nos seus bons tempos de diretor da empresa. Aliás, havia muito tempo que decidira aposentar-se, passando a viver dos rendimentos de suas aplicações e do que produziam suas propriedades rurais. Mas não se importava muito com nada disso. O porcaria deixava a casa depois do almoço e ficava perambulando pelas imediações da Praça Sete. Xeretava as portas dos cafés, procurando papo com um e com outro, naquela sem-graceza toda. Zanzava sem rumo, muitas vezes não encontrando outra opção a não ser a de buscar as sombras do Parque Municipal, onde se sentava e assim ficava horas a fio. Ali se distraía com os pombos, atirando-lhes alguma bobaginha, passando de vez em quando a mão pela protuberante barriga, que crescia depressa demais após ter-se aposentado. Imiscuía-se, vez por outra, em sua mente, pensamentos sinistros que se misturavam com as lembranças de seus melhores anos, quando mandava e desmandava lá na empresa. Muitos daqueles seres tacanhos ainda estavam lá, com certeza, levando aquela mesma vidinha reles que ele tanto desprezava, mas, apesar disso, ele não conseguia entender por que sua existência estava se tornando a cada dia mais sem sentido.

É preciso dizer que, anos antes, estando Penacho ainda recém-casado, Alfredo, aquele gato esnobe com quem Penacho batia altos papos, ficou logo de saco cheio com aquela vidinha sem graça na mansão do Mangabeiras e, numa bela noite de lua, foi saltando de telhado em telhado e nunca mais voltou. Essa fora uma das primeiras tristezas de Penacho logo após seu casamento, não se considerando, é claro, a sua precoce incapacidade de satisfazer os anseios lúbricos da cadela com quem dormia.

Mas um dia, andando pela rua, ele encontrou outro gatinho, magrinho, fraquinho, trístico, esfomeadinho, abandonadinho. Levou-o para casa e encarregou Lucineide, a empregada, de cuidar do bichinho como se fosse uma criança, dando-lhe leite na mamadeira e tudo o mais. Logo o gatinho mirrado cresceu, ficou esperto, pêlo bonito, e era o Alfredo escrito, sem tirar nem pôr. Por isso ganhou o mesmo nome e, não tardou muito, teve de sujeitar-se à mesma sina do primeiro: ouvir as lorotas do dono.

O ridículo agora falava até de negócios com o novo Alfredo. O pobre gato ouvia mais sobre os empreendimentos do dono do que os próprios administradores que este contratara

para tomar conta de suas propriedades no interior. Não existia mais aquele Dr. Figueira que andava em passinhos firmes e apressados pelas salas da empresa, dando ordens aqui e ali, gesticulando, exigindo. Agora, aposentado e cheio de grana e tédio, ele deixava que tudo corresse à solta, recebendo até com alguma indiferença as notícias boas ou más que lhes passavam por telefone os empregados. Com estes, falava o mínimo, mas com Alfredo falava de projetos absurdos, cada vez mais desvinculados do mundo real. Sua renda, no entanto, ainda era suficiente para atender a suas reduzidíssimas necessidades e para permitir à cadela com quem vivia continuar levando aquela vida de devassidão, mesmo com os seus administradores engordando desavergonhadamente as próprias contas bancárias. Suas propriedades no interior produziam muito; os administradores, diretamente interessados no êxito dos empreendimentos, cuidavam para que tanto as frutas quanto a carne produzidas fossem da melhor qualidade. Assim, os lucros garantiam vida boa a todos.

Certa tarde, entrando em casa, Penacho surpreendeu-se com um rapaz que, de camisa aberta no peito, saía às pressas de sua residência, olhando-o com cara de menino travesso que acaba de cometer alguma traquinagem.

Sofia, que com certeza, percebendo a chegada imprevista do paspalho do marido, dispensara o garoto às pressas, estava tranquilamente sentada no sofá, afetando um ar distraído, olhando alguma bobagem na televisão. Mas cheirava a sexo e se esquecera de fechar a bolsa, de onde tirara o dinheiro para pagar ao rapaz pelos seus interrompidos serviços.

— Que rapaz era aquele? — inquiriu ele.

— Rapaz... Que rapaz? — disse ela, estampando no rosto a maior das inocências.

— Ora essa, que rapaz! O que acabou de sair daqui.

— Ah, claro. Que cabeça esta minha! O meu chuveiro: não queria esquentar a água. Então chamei o eletricista.

Penacho retirou-se para seus aposentos e se pôs a conversar com Alfredo, enquanto se servia de um uísque com duas pedras de gelo.

Mas a lembrança daquele adolescente saindo de sua casa às pressas não saiu mais de sua cabeça. Tinha qualquer trem errado naquela história. Só agora o idiota começava a desconfiar daquilo de que toda a vizinhança já sabia. Uma das vizinhas mais velhas, dessas que não encontram muito o que fazer, já havia perdido a conta de quantos rapazes de todos os tipos ela vira entrar e sair da residência do otário.

Penacho despejava sobre o pobre Alfredo um palavrório que era um verdadeiro temporal de incoerências. E a lembrança do rapaz saindo de sua casa continuava a insinuar-se por

entre esse seu insano discurso. Ele mesmo pareceu, finalmente, cansar-se daquele blá-blá-blá. Deixou de novo a casa e foi bater pernas no centro da cidade.

Encontrou o amigo Bonifácio no quarteirão fechado entre a Praça Sete e a Rua Tamoios. Começaram uma partida de damas. Mas ele não se concentrava no jogo. Havia uma vozinha sacana soprando nos seus ouvidos já um tanto moucos: “Figueira, dá um jeito na sua vida...”

\*\*\*

Dias depois ele conseguiu, acompanhado de dois companheiros com quem costumava partilhar suas reminiscências na Praça Sete, e que serviram de testemunhas, flagrar a cadela da Sofia em plena trepada com um rapazinho magricela na própria cama do casal, como era o seu costume.

Despachou-a, e ela não levou quase nada consigo, a não ser os seus 132 pares de sapatos, os 235 vestidos, as 827 calcinhas e mais alguma bobaginha ou outra. Escafedeu-se a bandida, e nunca mais o infeliz pôs de novo os olhos naquele corpo que servia de parque de diversões para a garotada.

### Capítulo XIII

**S**eguia bem o casamento de Lisandra e Alberto. Os meninos, já crescidos, se davam muito bem com o padrasto. Constituiu-se, pois, uma família feliz, e tudo indicava que a felicidade dos dois iria perpetuar-se pela vida a fora, os cabelos encanecendo, as rugas se intensificando, as juntas endurecendo, as trepadas se escasseando, mas, ainda assim, felizes. Era o que imaginavam, e qualquer pessoa que os visse juntos poderia vaticinar o mesmo.

Mas, anos depois, houve aquela noite em que Alberto, voltando de sua loja, recebeu aquele balaço, dessa vez certo, no meio do peito, e Lisandra ficou viúva outra vez.

\*\*\*

Mesmo enquanto iam para o cemitério, e ainda durante a lenta e silenciosa caminhada que empreenderam após cruzarem o grande portão em direção à sepultura, Lisandra e os filhos, bem juntinhos, mais unidos do que nunca, sentiam-se como se Alberto ainda fosse um membro da família. Frio e inerte dentro do caixão, ele ainda fazia com que se mantivesse um calor especial a envolver aquelas quatro almas, um calor que o desprezível Zé Flávio jamais foi capaz de provocar.

Mas, após o sepultamento, os quatro — Lisandra e os filhos —, caminhando lentos pelas alamedas serenas da necrópole, sentiam-se em um outro universo, os pés tocando os pedregulhos, os tornozelos roçando a grama úmida, e eles simplesmente mergulhados, por assim dizer, em outra dimensão da existência, ou melhor, fora de qualquer dimensão física. Perambulavam por caminhos irreais, onde o tempo e o espaço eram categorias absurdas.

Chegaram instintivamente ao bar, ainda dentro do cemitério. Lisandra pediu uísque, e Paulo César, que já tinha, na época, mais de vinte, homem feito, imitou-a, traindo assim sua secreta determinação de jamais tocar em álcool para não copiar seu indigno pai. Os outros meninos não quiseram nada — nem refrigerante. Sentaram-se à sombra de uma árvore e ficaram caladinhos, olhando para lugar nenhum. Não eram mais crianças, mas estavam perplexos. Não entendiam a vida, o mundo dos adultos.

Marlene, que durante o enterro permanecera à distância, aproximou-se em silêncio e pousou a mão no ombro de Lisandra. Esta, por sua vez, encostou a cabeça no colo da outra e se deixou estar assim por algum tempo, também sem palavras. Minutos depois indagou:



— Cadê a Creusa?

— Foi embora com o Jorge; não se sentia bem.

— Eu entendo. Ela me deu muita força, mas não se sente bem nessas ocasiões. Quando o filho da p..., quando o Zé Flávio morreu, foi assim também. Mas ela é uma grande amiga.

Foram para a casa onde agora Lisandra pretendia viver somente com os três filhos. Marlene, que havia tempos andava fraca, não poupou contudo esforços para amparar a viúva e, a convite desta, passou aquela noite com a enlutada família. Quase até mesmo esquecida de si, desdobrou-se para cuidar de tudo no dia seguinte, evitando que ficassem em apuros os desajeitados rapazes. Deixou tudo arrumado na casa e, ainda cedo, foi até a loja e ali afixou um cartaz: “Fechado por motivo de luto”.

Por mais de uma semana não deixou de aparecer diariamente para visitar Lisandra e os filhos, sempre prestimosa e atenta. Ouvia os lamentos da outra e chegou algumas vezes até a dizer que se enganara a respeito de Alberto e que na verdade ele era, sim, um bom homem — ela, que jamais deixara de referir-se a ele com comentários no mínimo mordazes.

Creusa também sempre aparecia na casa da viúva, e as três amigas puderam, assim, revigorar um vínculo que nos últimos tempos se afrouxara. Quem demonstrava não apreciar aquele reaquecimento da velha amizade era o nojento do Jorge, cuja frieza e indiferença inicial foi aos poucos se transformando em muxoxos por trás do asqueroso palito que jamais tirava da boca.

— Como é que a Creusa pode gostar desse traste, hein, menina! — disse um dia Marlene.

— É verdade. Eu também não entendo — respondeu Lisandra.

— Será que isso tudo é carência?

— Não sei, mas... ela podia, se quisesse, achar coisa melhor.

— É... Ela ainda é um mulherão — observou Marlene e, dando rápida olhadela no corpo de Lisandra, deixou escapar um suspiro.

\*\*\*

Os dois filhos mais novos de Lisandra lançaram-se ao trabalho com dedicação e responsabilidade tais que à própria mãe surpreenderam. As mortes sucessivas do pai e do padrasto provocaram neles a necessidade de se tornarem homens rapidamente. Diferentemente de Paulo César, cada vez mais esquisito, estudavam em turnos diferentes e se revezavam na loja, onde a mãe assumia o papel que lhe cabia: gerenciava tudo e,

superado o luto, o fazia com redobradas forças, com o entusiasmo que lhe inspirava o amor que, jurava, ainda sentia e sentiria sempre pelo seu Alberto.

— Sabe, Creusa — disse um dia à amiga —, quando a gente encontra o amor verdadeiro, ele não morre nem com a morte. Não vou amar mais ninguém.

— Isso é bobagem, Lisandra. Eu amava o Afonso, agora amo o Jorge.

— Não, Creusa. Você não amou o Afonso. Você ficou com ele porque tinha de ter um marido. Ele te sacaneava, e você não via, não queria ver, enganava-se de propósito, alimentando sonhos absurdos, até que a verdade surgiu como um dia claro diante de seus olhos. Aí, de raiva — raiva até de você mesma! —, você resolveu se enrabichar com esse tipo asqueroso que atende pelo nome de Jorge. Agora, você dizer que ama esse lixo, Creusa, me desculpe, mas isso pra mim já é demais...

Creusa não quis ouvir mais. Saiu da loja da amiga aos soluços, prometendo nunca mais voltar.

Lisandra sentiu-se arrependida. Nem mesmo compreendia como pudera ser tão rude com a outra. Caindo em si, lembrava-se de que ela mesma, por anos a fio, vivera ao lado de um dos seres humanos mais abjetos de que tinha notícia. “Que direito tenho eu de criticar a Creusa? — acusava-se, mortificada por agudo remorso.

Mas Creusa sabia que Lisandra só lhe dissera a verdade. O amor que sempre acreditou sentir por Afonso não passou de súbita admiração nos primeiros dias de namoro combinada com cuidadosa construção fantasiosa do que poderia vir a ser uma relação repleta de realizações felizes, tudo isso crescendo tanto em se espírito, contagiando de tal modo sua natureza sonhadora, que, por anos a fio, tentou ver no marido somente aquilo que ele nunca poderia ter sido: o amante romântico, dedicado, fiel e que lhe daria, cedo ou tarde, dois ou três filhos lindos com os quais iriam viver as mais fantásticas experiências — ou mesmo as mais singelas, como ver os macaquinhos no zoológico aos domingos.

Era por isso que agora, madura, pisava sem piedade qualquer resquício de sonho que teimasse em espiar sorrateiro por alguma fresta de seu espírito saturado de desilusão. Ficar com Jorge ou com qualquer outro dava na mesma. “O que eu preciso — dizia consigo mesma — é apenas de um homem na minha cama, qualquer homem, todos são o mesmo lixo. Aliás, tudo de que preciso é menos do que um homem, eu só preciso de um pênis... Não, nem disso eu preciso, eu não preciso de nada que venha desse tipo de animal!”.

Susteve de súbito aqueles pensamentos, horrorizada. Parecia só agora dar-se conta do quanto havia se tornado amarga.

Telefonou para Lisandra, e ambas se desculparam. A amizade prevaleceu. Os encontros se amiudaram de novo, ora em Venda Nova, na casa de Creusa e Jorge, ora na casa da viúva, quase sempre com a presença de Marlene.

Alguma serenidade foi aos poucos estendendo-se sobre aquelas almas, e, se não se podia dizer que eram felizes, também não se podia deixar de reconhecer que iam atravessando os dias sem maiores dramas.

O que inquietava um pouco a pobre Lisandra era o porcaria do Paulo César. Como se sabe, os dois irmãos mais novos davam a maior força à mãe, trabalhando com afinco na loja. Já o Paulo César, arranjava um emprego num escritório no centro da cidade, era assíduo, pontual, responsável, como, aliás, o fora, na juventude, também o seu pai. Se as semelhanças se detivessem aí, tudo bem. Infelizmente não era o que se verificava. Lisandra se lembrava bem dessas qualidades do então jovem Zé Flávio, mas se lembrava também de como aos poucos ele começara a ficar esquisito, ainda nos tempos de namoro: taciturno, monossilábico e aparecendo sempre com bafo de cachaça. Pois não é que o porcaria do filho mais velho já começava a seguir os passos do pai! Chegava do trabalho à noite, dizia um “oi” muito seco e se dirigia para a cozinha. Mexia nas panelas, engolia algo e desaparecia de novo, voltando quase sempre com sintomas de embriaguez, esbarrando nos móveis, acordando os irmãos, resmungando. Nos dias de folga, se estava em casa, passava quase todo o tempo silencioso e sorumbático, fitando triste, da varanda, algum horizonte absurdo. “O que será desse menino, meu Deus!” — afligia-se a viúva.

Outra que também não andava nos seus melhores dias era Marlene. As suas visitas à casa de Lisandra, que se amiudaram por ocasião do luto, iam se tornando cada vez mais espaçadas. E quando ocorriam eram cada vez mais curtas. E o assunto era quase nenhum. Vivia cada vez mais sem graça a cinquentona de olhos sinistros.

Por telefone Creusa e Lisandra expressavam com frequência as suas preocupações com a salgadeira. O que fazer por ela? Elas tinham o seu trabalho, Creusa tinha ainda que dedicar seu tempo livre ao nojento do Jorge, quando não se revezavam na direção do táxi, e Lisandra tinha os filhos, o esquisito do Paulo César, que, em vez de arrumar um casamento, um rabo-de-saia, qualquer perereca que pudesse distraí-lo, preferia imitar o pai e ir aumentando dia a dia as dores de cabeça da mãe.

\*\*\*

Foi mais ou menos por essa época que alguns acontecimentos se precipitaram, envolvendo aquelas almas.

Creusa descobriu que aquele bigode nojento com quem vivia em Venda Nova, por quem deixara o marido e a sociedade com as amigas no salão de beleza, andava fazendo cócegas em outras pererecas. Desiludida, sumiu no mundo.

Meses depois, numa calma tarde de domingo, Marlene foi encontrada mortinha da silva em sua cama, cercada pela solidão que suportara por anos e anos. Uma poça vermelha se formara no lençol e empapava-lhe a blusa no lado esquerdo, por onde descera o sangue. Junto ao corpo, o revólver e uma folha de papel com o seguinte escrito:

“Eu, Marlene Gomes Pereira, 57 anos, divorciada, fabricante de salgados, signo de escorpião, declaro a quem possa interessar que amo apaixonadamente Lisandra Aparecida Moreira e, por isso, matei o salafrário de seu primeiro marido, José Flávio Moreira, e seu segundo marido, Alberto Alves de Castro, que não devia ter morrido, pois era bom. Matei os dois com esta mesma arma com que agora também me despacho. Eu não presto. Adeus.”

## Capítulo XIV

**J**ovem, bem aparentado e herdeiro de seu Pedro Borges, Rodrigo andou traçando a metade das moças da região, às vezes até sem querer: elas se insinuavam, davam em cima dele, fazer o quê!

Mas um dia se cansou. Letícia, filha de Geraldo Vieira, não era só bonita e gostosa — tinha algo mais que ele nunca pôde definir. E esse algo mais que ele nunca pôde definir garantiu a ela entrar de véu e grinalda na igreja toda enfeitada, ao som de uma música que lhe sugerira a prima de Florianópolis. Dirigiu-se ao altar, onde ele, com as mãos suadas e cara de bocó, a esperava. Saíram dali casadinhos da silva e talvez para sempre.

Foram morar numa das fazendas, onde Rodrigo, como se sabe, se estabelecera em definitivo como senhor absoluto, depois da morte de seu benfeitor.

Logo ela embarrigou e veio o menino Henrique, cabelinho preto e olhos arregalados, que, oito anos depois, na escola, pegou a mania de passar a mãozinha nas coxinhas das coleguinhas inocentzinhas que sentiam cosquinhas.

Mas o baixinho era bom em matemática e também aprendeu a montar a cavalo rapidinho. Com dez anos já ajudava muito o pai, só que vivia pedindo à mãe um irmãozinho, e ela já decidira não mais embarrigar. “Deus me livre, menino pequeno dá trabalho demais!” — dizia ela, sempre que Helena, madrinha de Henrique, bulia no assunto.

Henrique, ali pelos doze anos, gostava de ir pescar com o pai à noite. Mateus, seu padrinho, ia também.

Por essa época, tanto Rodrigo quanto seu compadre Mateus não estavam satisfeitos. Henrique se distraía sozinho, na escuridão, entre as folhagens que ensombravam o rio, de vez em quando erguendo na ponta da linha algum mandi mixuruca que abocanhava o anzol recoberto com a viscosa minhoca, e os dois amigos iam deixando escapar em frases displicentes, preguiçosas, as suas queixas.

— Eu não entendo, Rodrigo. Helena agora só quer saber de coisa da cidade. O cabelo cada dia tá duma cor; roupa, só aceita se for de marca. Em casa não desgruda o olho da televisão. Se eu chego perto, ela se afasta, diz que eu cheiro a cavalo.

— E de noite, Mateus?

— Como assim?

— Na cama...

— Só de vez em quando. E ela fica que nem uma tábua.

— Pois é, meu compadre, lá em casa também tá tudo esquisito. Acho que isso é influência da televisão e dessas revistas que elas andam lendo. Letícia, antes, até que me ajudava, gostava da minha presença. Agora, ficam as duas de trololó no telefone toda hora, não sei se você já reparou. E é um assunto que não acaba mais. De tarde vão as duas pra cidade, voltam bem festivas, carregando embrulhos. Dispensaram o motorista, e agora quem dirige é Helena, você sabia?

— Sabia, mas fazer o quê, né!

Voltaram para casa com uns poucos peixinhos e muitas caraminholas. O menino Henrique ia atrás cantarolando, satisfeito com a pesca, mesmo alfinetado por dezenas de mosquitos, e não dava fé de nada, não participava das atribuições do pai e do padrinho.

Com pouco Rodrigo e seu compadre Mateus pegaram a sair de noite. Mas não pra pescar. Pegavam a caminhonete e iam para a cidade. Mateus, que era uma espécie de capataz das duas fazendas, depois de verificar se tudo estava em ordem, se apresentava ao compadre e patrão, lá pelas sete da noite, e dizia:

— Pois então, Rodrigo, hoje tem?

— Hoje tem sim, claro.

E iam bebericar umas e outras nas vendas de portas estreitas da ruazinha principal de Santa Amália.

Trinta e cinco anos tinha Rodrigo nessa época, e não se empolgava tanto com aquelas saídas noturnas. Gostava de Letícia. O bom mesmo era estar com ela, mas...

“Que coisa! Por quê que ela esfriou tanto comigo...” — ele dizia consigo quando, já deitado, à noite, depois do passeio, observava o sereno rressonar da mulher. No dia seguinte, ela, com a mesma serenidade, tomava café com ele, não o maltratava, cuidava do filho, tudo como sempre fizera, mas parecia não necessitar dele. “Parece que as mulheres se bastam” — pensava ele, intrigado, e não sabia o que fazer.

Surgiu a notícia de que na cidade vizinha acabara de ser inaugurada uma casa de diversões — um bordel, diziam uns; uma boate, diziam outros. A verdade é que a notícia assanhou os homens das redondezas, e mesmo o pacato Rodrigo não ficou indiferente.

Certa noite, depois de algumas doses na venda de seu Bento, não resistiu e disse ao Mateus:

— Vam’ lá?

Foram. A casa ficava logo na entrada da tal cidade vizinha. “Casa de Madame Lu” — estava escrito na placa reluzente colocada sobre a porta principal. O estabelecimento

funcionava num casarão antigo, e seu interior era iluminado com pequenas lâmpadas azuis nos cantos das paredes.

Rodrigo e Mateus desceram da caminhonete, subiram com passos algo vacilantes os degraus que levavam até a porta e viram lá dentro as moças de farta pintura e escassas roupas, bebendo umas, dançando outras, e outras tantas sentadas sobre os joelhos dos homens, enroscadas em seus pescoços, acariciando-os. A música era enfadonha, e os fortes perfumes das mulheres se misturavam a outros indefiníveis aromas.

Mateus entrou primeiro, e a própria Madame Lu, a proprietária, veio recebê-lo, e o fez como era de praxe, sempre que um cliente entrava ali pela primeira vez: com uma das mãos segurou-lhe o pau, e com a outra pegou-lhe na bunda.

Madame Lu aparentava sessenta anos e era obesa. Mas conservava no jeito de olhar aquela safadeza que talvez fizesse parte de sua natureza.

Rodrigo surpreendeu o amigo com sua atitude, pois subitamente virou-se e disparou escada abaixo na direção da caminhonete, Mateus atrás dele, indagando: “O que foi, o que foi?!”

Rodrigo não respondeu. Voltou para casa calado ao lado do intrigado Mateus, e só abriu a boca para despedir-se do amigo, deixando-o em casa.

Daí a pouco, já deitado, Letícia ressonando, ele ainda não se refizera da surpresa. Madame Lu não o reconheceria, mas ele jamais deixaria de reconhecê-la. Ela engordara muito, envelhecera, tornara-se até monstruosa em comparação com o que fora um dia. Mas ele viu bem e não tinha dúvidas: Madame Lu era ninguém menos que a safada da sua mãe, Sofia de Albuquerque, a devassa.

Dias depois ele tinha vendido todos os seus bens e se mandado para Pirapora, onde se estabeleceria como comerciante e dono de hotel. Letícia, apesar de não ter se convencido dos motivos por ele alegados para aquela mudança, acabou ficando satisfeita, pois Pirapora era muito melhor do que Santa Amália. Henrique também gostou da mudança.

## Capítulo XV

**Q**uando Creusa decidiu picar a mula, indo, a princípio, morar com Marlene, Afonso, que nem desconfiava do caso dela com o nojento do Jorge, acabou absorvendo bem o impacto, após o natural “mas-por-que-isso” que teve como resposta o esperado “por-isso-e-aquilo”.

Continuou tocando sua vidinha, morando sozinho e trabalhando com a mesma sem-graceza de sempre, embora desajeitado com aquela solteirice tardia. Os amigos agora estavam todos casados, e era raro um ou outro acompanhá-lo numa rodada de Brahma no *Uísque Zito*.

Acabou aproximando-se mais da Teresa e do menino Filipe, que nessa época já ia pelos dez anos e frequentava a quarta série escolar — parrudinho, olhos vivos e sorriso maroto.

Gostava do moleque. Não imaginava que o diabinho já se enturmara com coleguinhas da vizinhança e que, com muita frequência, os liderava em campanhas que visavam perpetrar pequenos delitos. Começou a levá-lo a passeios, teatrinhos; comparecia às festinhas da escola, batia uma bolinha com ele de vez em quando. Mas o porcaria não quis torcer pelo América nem chamá-lo de pai. “Ô Afonso, eu torço é pelo Galo, que nem meu padrinho”.

Seu relacionamento com a boazuda da Teresa não mudou em nada, ou seja, uma trepadinha de vez em quando e era só. Ela não queria envolvimento sério com ele, aliás, com homem nenhum. Assim, se passou pela cabeça dele, no auge da solidão, a ideia de juntar seus trens com os da mãe do Filipe, isso ficou só na vontade. O que a safada queria mesmo era transar com um hoje, outro amanhã, sem se envolver, sem esquentar a cabeça. “Eu quero é gozar” — dizia a si mesma. Afonso era só mais um, embora coubesse ao idiota o papel de pai daquele calhordinha a quem ele dera o nome de Filipe.

A cavalgada chamada Afonso ainda levou uns três anos para desconfiar. Durante um bom tempo, portanto, ainda continuou ingenuamente engordando o rabinho do menino Filipe. Entrando na adolescência, o calhordinha passou a apresentar traços estranhos. O nariz se tornava muito protuberante, a sobrancelha era muito espessa... E depois, aquele jeito de olhar, aquele sorriso sarcástico... No próprio rosto de Teresa parecia haver certa expressão de escárnio.

A ideia de ter sido engazopado passou a crescer na sua cabeça oca. A mesma expressão de zombaria que via no rosto de Teresa ele passou a ver também no rosto dos



colegas de trabalho, depois no rosto dos vizinhos, terminando por vislumbrá-la em qualquer rosto com o qual cruzava pela rua. E à noite ainda sonhava com sorrisos de deboche. O mundo inteiro parecia ironizá-lo.

Perdera, de um momento para o outro, toda a espontaneidade com o menino. Em suas visitas, mal olhava para Teresa, diante da qual não conseguia disfarçar seu mal-estar. “Preciso tirar isso a limpo” — pensava.

Quando, através do exame de DNA, novidade na época, pôs fim a suas dúvidas, entrou em parafuso, pensou que daquela vez pirava mesmo. “Então é isso, eu simplesmente não faço filhos. Era por isso que a Creusa nunca engravidava. Puta que pariu! E eu pensando que **ela** é que era a estéril. Não embarrigava por culpa minha!”

Resolveu se submeter a um espermograma. “Agora é tudo ou nada, Foda-se!”

— E então, doutor, alguma coisa?

— Pouca coisa.

— Como assim, doutor?

— Poucos espermatozoides, insuficientes para a concepção.

— Uai, doutor, mas não é só um que entra no óvulo?

— Sim, mas são necessários milhões para empurrar o felizardo. Você não engravida ninguém. Nem se a mulher for fértil feito uma coelha!

Não havia escapatória. O que ele suspeitava acabava de ser confirmado. Naquela noite encheu a cara antes de dormir. De manhãzinha, no último sono, sonhou que uma linda coelhinha subia em sua cama, entrava sob as cobertas e enfiava o focinho dentro de sua cueca. Acordou de pau duro e putado da vida.

Decidiu largar tudo e desaparecer. Demitiu-se do emprego na empresa, onde pateticamente havia construído todo o seu pobre mundinho, sobrenadando um mar de frivolidades a que se acostumara, vendeu o apartamento e saiu por aí viajando sem conta, cada dia dormindo numa cidade diferente. E não podia ver mulher que enlouquecia de vontade de trepar, com uma insana esperança de fazer um filho — unzinho que fosse, com qualquer fêmea parideira com a qual se deparasse. Com isso, foi esparramando espermatozoides por meio mundo.

## Capítulo XVI

**R**odrigo, embora ainda muito abalado pela descoberta de que sua mãe chefiava um puteiro, desembarcou em Pirapora disposto a mudar radicalmente sua vida e a de sua família. Com a venda de suas propriedades, conseguira bom dinheiro e, com ele, inaugurou de imediato dois estabelecimentos às margens do velho Chico: uma pousada e um restaurante.

Barbeou-se, aparou os cabelos, emagreceu, passou a usar uns óculos que lhe emprestaram um ar um tanto doutoral — tudo isso talvez apenas consequência da inevitável mudança que subitamente se processara em seu espírito desde que, naquela noite fatídica, dera de cara com a safada da sua mãe segurando o pau de seu amigo. O fato é que agora ele estava irreconhecível. Até o timbre de sua voz mudara, segundo observação de sua mulher.

Lançaram-se ao trabalho — ele, a mulher e o filho Henrique. A pousada conciliava conforto e simplicidade, atraindo turistas de todas as origens. O restaurante, instalado a uns cem metros da pousada, oferecia refeições simples, mas com o toque pessoal de Letícia, cujo talento culinário só viera a se revelar às margens do famoso rio.

Prosperaram. Rodrigo tornou-se conhecido e respeitado como homem generoso, incapaz de negar auxílio a quem quer que fosse, e à sua porta costumavam acorrer inúmeras criaturas famintas e desprotegidas, e ele as acolhia, discreto e respeitoso, ora com um prato de comida, ora com um agasalho, embora não lhe fosse possível hospedar tais vítimas do destino.

Alguns políticos da cidade chegaram a pensar em lançá-lo candidato a vereador, até mesmo a prefeito, dados a sua popularidade e bom nome. Mas ele foi peremptório: "Não me meto em política!"

\*\*\*

O tempo tratava de fazer seu trabalho na vida daquelas criaturas. Henrique cresceu depressa e estudava e trabalhava como poucos de sua época. Isso, contudo, não o impedia de arrastar para a beira do rio, sob o clarão da lua, as deliciosas caboclinhas que vinham de Januária à procura de não se sabe o quê. Aliás, foi assim que nasceu o menino Diego, que a desmiolada da mãe, uma pirralha de dezessete anos, entregou aos cuidados de

Letícia e sumiu no mundo. O já cinquentão Rodrigo apenas achou aquilo engraçado. Adquirira, com o tempo, uma invejável serenidade. Tudo para ele era motivo para uma gostosa risada. Afeiçãoou-se logo ao neto, cujo crescimento ele acompanhava com gosto.

O magnânimo espírito de Rodrigo o fazia chorar às escondidas sempre que ouvia a triste história dos muitos pedintes que, quase diariamente, batiam à sua porta à procura de auxílio. Chorou por muitos josés e por muitas marias. "O que posso fazer por toda essa gente? Não posso acolhê-los." Letícia tentava consolá-lo e, em silêncio, acariciava sua vasta cabeleira encanecida. A miséria alheia parecia ser o único motivo de perturbação daquele espírito que não mais sonhava, apenas apreendia a vida tal como ela se lhe apresentava.

Uma mendiga muito magra e muito velha um dia bateu à sua porta. Por essa ele também chorou, embora ela não lhe tivesse contado a própria história. A fome, embora fosse evidente em sua fisionomia, não era o que mais impressionara Rodrigo. Havia uma tristeza tão pungente naqueles olhos profundos, semiescondidos naquele rosto esquelético!

Ela pediu que a deixassem repousar um pouco, "em algum cantinho, pelo amor de Deus!". Via-se nela um cansaço que parecia ter a duração de sua própria vida. Rodrigo ordenou que lhe preparassem um banho, roupas, comida e uma cama num dos quartos que se reservavam às visitas. A própria Letícia estranhou aquela ordem do marido, mas cuidou para que tudo fosse providenciado, enquanto ele se retirou profundamente consternado, indo chorar em seus aposentos.

— Mãe, a senhora sabe por que o Pai fez isso? – indagou, pouco depois, Henrique.

— Não, mas eu também senti muita pena daquela senhora.

— Tá certo, mas ela não pode ficar aqui por muito tempo, não dá...

— Amanhã, com certeza, seu pai a despede; ele sabe que não pode hospedar mendigos em casa.

\*\*\*

Rodrigo, com seus cinquenta e cinco anos, orgulhava-se de sua privilegiada saúde e de sua aparência, que se conservava jovem. Mas, na manhã seguinte, olhou-se no espelho e espantou-se com sua própria figura. Viu-se repentinamente envelhecido, com profundas rugas em torno dos olhos inchados. Não conseguira dormir aquela noite. Lavou-se, vestiu-se e dirigiu-se com passos subitamente decididos até o aposento onde mandara hospedar a mendiga. Minutos depois, acompanhado dela, surgiu na sala onde o aguardavam para o

café e, com gravidade, olhou para o filho Henrique e declarou: "Meu filho, cumprimente sua avó paterna, Sofia de Albuquerque, que a partir de hoje mora conosco."

## Capítulo XVII

**E**ntardecia. Na praia deserta, ninguém testemunhava aquela cena insólita: um velhote, ajudado por uma mulher de meia-idade, transportava para uma lancha várias malas trazidas de um carro estacionado ali perto. Impaciente, ofegante, o velho lançava as malas de qualquer modo dentro da lancha e voltava gesticulando, irritando-se com a lentidão de sua ajudante.

Depois das malas, foi a vez das garrafas. Várias delas, de todos os tipos, contendo vinhos, uísques e outras bebidas, iam sendo colocadas, agora com cuidado, dentro da lancha pelo estranho sujeito.

Penacho discutira com o gato Alfredo, ao longo de semanas, aquela sua radical decisão:

— "Não dá, Alfredo. Um sujeito, quando chega ao ponto a que cheguei, só pode se redimir se tomar uma atitude grandiosa. Você tem me acompanhado nos últimos anos, desde que comecei a trabalhar naquela empresa, quer dizer, você não, o outro Alfredo, é que eu sempre confundo vocês dois, porra, mas, enfim: você sabe, Alfredo, minha vida tem sido uma grande luta — aliás, digna da minha grandeza, só que nenhum filho da puta reconhece, eu estou cercado de gente falsa e debochada, gente sem capacidade de reconhecer em mim a pessoa especial que eu sou. Talvez seja até inveja, é ou não é? Mas não importa, o fato é que eu sempre fui vítima dessa minha própria condição. O mundo não está preparado para abrigar gente do meu quilate, Alfredo. É por isso que eu tenho dito a você: não dá mais! Eu tenho mesmo que tomar aquela atitude, aquilo que eu venho te falando esses dias todos. O que você acha? Ah, você não responde, porra, você só fica aí me olhando, com essa preguiça toda. E eu, aqui, enfiando a cara na vodca. Que vida, viu! Mas eu gosto de você, Alfredo. Aliás, só gosto de duas pessoas nesta casa, neste bairro, nesta cidade, nesta vida, caralho! Só gosto de você e da Lucineide. Mas com a Lucineide eu não falo de meus planos, porque ela não entende porra nenhuma. Mas gosto dela, porque, se não fosse ela, o que seria de mim, Alfredo? É ela que cuida de tudo aqui em casa e, quando me vê nervoso, não se incomoda, continua ajudando em tudo, santa criatura! Se fosse bonita e não fosse burra, eu até que podia... Não, Alfredo, não podia nada, não careço de mulher nenhuma. A esta altura da minha vida o que eu quero é sossego, sossego esse que só posso conseguir se colocar em prática aquele plano que venho discutindo com você. Mas gosto dela; dela e de você também, embora você seja tão frio, tão indiferente, igualzinho ao outro Alfredo. Olha, Alfredo, de você eu não quero me

separar nunca, ouviu? Nunca! Agora, Alfredo: você já imaginou a cara dos filhos da puta que tomam conta dos meus negócios lá nas fazendas, quando souberem que não vão poder me roubar mais nada, hem!"

E o maluco do Penacho colocou mesmo em prática o seu plano. Vendeu todas as suas propriedades num abrir e fechar de olhos, sem se preocupar com o preço. Em seguida despediu todos os empregados, indenizando-os devidamente, mas sem dar muitas explicações aos boquiabertos pilantras que administravam seus bens. Até a casa do Mangabeiras ele vendeu por uma ninharia, e, antes que o novo proprietário do imóvel viesse morar ali, chamou Lucineide e lhe perguntou:

— Lucineide, você sabe dirigir?

— Sei.

— Então aquele carro ali agora é seu.

Foi difícil fazer com que a empregada entendesse mais ou menos o que estava acontecendo, mas Penacho explicou, com a máxima paciência possível, o mínimo que ela precisava saber, ou seja, que a casa não era mais dele; que ela não seria mais sua empregada; que ficaria com o carro e mais uma graninha que daria para ela comprar uma casa e montar um pequeno comércio no bairro Betânia, onde ela morava.

Colocou no carro várias malas vazias e várias garrafas de bebidas e tocou para o banco. Levava consigo a perplexa Lucineide, em cujo colo se acomodava o indiferente Alfredo. "Não me pergunte mais nada por enquanto, Lucineide, apenas faça o que eu mando."

E agora o maluco estava ali, naquela praia deserta, ao entardecer, colocando as últimas garrafas na lancha, que ele comprara por uma fortuna, e despedindo-se de Lucineide.

— Pegue seu carro, Lucineide, e seja feliz — disse ele, tomando o gato das mãos da ex-empregada e passando-lhe em troca as chaves do veículo. Cuidado com o cheque que eu te dei; com ele você pode garantir sua casinha e um comércinho para vender suas quitandas. Adeus!

Lucineide, petrificada, permaneceu ali por alguns minutos, vendo a lancha veloz desaparecer e levar consigo seu esquisito ex-patrão e o gato Alfredo. Quando decidiu entrar no carro e deixar a praia, a noite era plena. Suspirou e arrancou o carro, recebendo sobre sua solidão a rajada fria da brisa que soprava à beira-mar. Uma sensação estranha, que misturava abandono e autonomia, liberdade e apreensão, medo e autoestima, apossou-se dela. Intuiu, num breve instante, que não mais poderia encontrar-se com a Lucineide que ela fora até então. Era outra e estranhava-se.

A lancha singrava as águas escuras em busca do fim. Penacho abriu a primeira garrafa e, com os olhos esfuziantes, berrou para o gato: "A humanidade fede, Alfredo, a humanidade fede! Agora estamos aqui, só você e eu... E estas maletas cheinhas de dinheiro, que vão afundar, um dia destes, com nossos cadáveres e com nossas garrafas todas vazias!"

Insistia em falar com o gato, cujos olhos, fitos no tresloucado dono, eram como dois pequenos faróis tentando iluminar a escuridão de alto-mar na noite sem lua.

"Quando o combustível acabar, Alfredo, eu já estarei tão bêbado que nem poderei me dar conta de mais nada. E jamais seremos encontrados. Eu, você e meu dinheiro, Alfredo, desaparecidos para sempre, para sempre! Vamos ver quem se acaba primeiro, Alfredo: você, eu ou a bebida. Ah! ah! Eu sou um gênio, Alfredo, um gênio! Sabe, Alfredo: eu estarei desmaiado de tão bêbado quando vier o fim. Ninguém poderia desejar uma morte melhor, é ou não é? Quanto a você, que não bebe... Bem, Alfredo, você é apenas um gato, foda-se!"

E a lancha partia veloz, partia para sempre. Nunca se pôde saber por quanto tempo a voz cada vez mais arrastada de Penacho ainda conseguiu ferir os ouvidos do paciente Alfredo.

## Capítulo XVIII

**N**a rua deserta, passos vacilantes, a silhueta aproximava-se com a garrafa na mão. Perdera a conta de quantas ruas, quantas cidades, quantas madrugadas presenciaram sua solidão e miséria, enquanto avançava através dos anos em busca de um horizonte que nem em seus devaneios se desenhava mais.

Aproximou-se instintivamente do viaduto, onde, com certeza, encontraria algum meio de se proteger do frio intenso.

Envelhecera vagando pelo mundo. O sonho de paternidade já se esvanecera havia anos. Agora ele apenas vagava, vagava sem saber em busca de quê. De raro em raro, assomavam-lhe à memória lembranças muito antigas, lembranças do tempo em que fora casado, em que tivera amigos, emprego, filho. Achava aquilo tudo muito estranho e afastava logo tais reminiscências. Era importante apenas não se desapegar da garrafa.

Logo que se achou sob o abrigo do viaduto, viu ali vários outros mendigos deitados, adormecidos, envoltos em trapos, as garrafas jazendo vazias pelo chão. Havia ali um restinho de fogueira, quase só fumaça, uma brasinha à toa. Aqueceu-se um pouco, sentado de cócoras, esfregando as mãos. Não ficaria sozinho, se tivesse algum interesse em estabelecer contado com aqueles seus novos companheiros. Mas isso, para ele, não tinha mais nenhum sentido.

Não havia mais aquele Afonso que um dia dissera à mulher que estava querendo agarrar a vida com força, e tal e coisa. Não agarrou porra nenhuma; era um fraco, tinha vontade fraca. Nunca fora fundo na vida, nunca amara de verdade, nunca descera ao fundo de si mesmo; nunca deixara de boiar covardemente na superfície do mar de possibilidades que a vida lhe apresentava e que ele preferia não ver. Mas agora estava no fundo. Lembrava-se do que lhe dissera certa noite o Mauro, numa das muitas e saudosas sextas-feiras no Bar *Uísque Zito*: "Você tem que ir fundo em tudo que escolher na vida, cara!". Sorriu amargamente ao pensar que o próprio Mauro fora tão fundo que não pôde voltar à tona. Observava à sua volta os companheiros semimortos estirados ao lado de suas garrafas, no chão fétido, debaixo do viaduto. "De todo modo se chega ao fundo", pensou desiludido.

Sentiu que o frio da madrugada se tornava mais intenso. Ergueu a garrafa contra o reflexo da quase extinta fogueira e constatou, com tristeza, que a cachaça estava no fim. Contrariado, sorveu o último gole e buscou um cantinho na escuridão — um esconderijo para tentar ocultar-se de si mesmo, estranha esperança que o inspirava naquele momento.



O mau cheiro lhe teria sido insuportável meses atrás, mas agora... Catou alguns jornais velhos e papelão para reduzir o frio e a dureza daquele chão inóspito.

Acomodou-se, mas não dormiu logo. Ficou a observar os outros mendigos, apenas vultos estirados aqui e ali e que ressonavam em grotesca orquestra, esquecidos, assim, de sua irremediável miséria.

Próximo dele um dos vultos se mexeu, ao mesmo tempo em que interrompia seu sonoro respirar. As retinas de Afonso, tendo-se adaptado às sombras daquela madrugada tão fria, puderam constatar que se tratava de uma fêmea. "Veja só, pensou ele: temos aqui uma perereca". Aproximou-se mansamente da mendiga, sem se levantar, arrastando-se em silêncio. Tocou-lhe os cabelos ensebados, beijou-lhe o pescoço. Ela aconchegou-se a ele sem cerimônia e sem entusiasmo. Ficou assim, quietinha, encostada em seu peito, sentindo-lhe o fraco palpitar do coração. As mãos dele apalparam, por acaso, uma garrafa que jazia ao lado dela. Continha ainda um pouco de cachaça. Tomou um gole e, em seguida, ofereceu o restante à companheira.

Abraçaram-se mais, beijaram-se, acariciando-se em silêncio. Mas ambos pareciam para sempre cansados. Deram aquela trepadinha chocha e adormeceram. De manhã, foram os últimos que despertaram.

O sol batia de cheio em seus rostos desfigurados. Olharam em volta e não viram mais os outros mendigos. Finalmente, fitaram-se. Afonso levou alguns segundos para se lembrar daquele rosto tão maltratado pelo destino. Creusa agora era uma velha triste, descabelada e fedorenta, assim como ele, que também não foi de pronto reconhecido por ela. Sem horizontes, ambos compreenderam, instantânea e tacitamente, que agora um era o horizonte do outro — o único horizonte possível.